



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA

JOSEANE BANDEIRA DE SOUZA

**ARQUIVOS COMUNITÁRIOS E MEMÓRIA QUILOMBOLA: PRÁTICAS DE
PRESERVAÇÃO, DESAFIOS E PROTAGONISMO NA
COMUNIDADE DO MATÃO – MOGEIRO/PB**

JOÃO PESSOA - PB

2026

JOSEANE BANDEIRA DE SOUZA

**ARQUIVOS COMUNITÁRIOS E MEMÓRIA QUILOMBOLA: PRÁTICAS DE
PRESERVAÇÃO, DESAFIOS E PROTAGONISMO NA
COMUNIDADE DO MATÃO – MOGEIRO/PB**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Arquivologia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Bacharela em Arquivologia.

Orientador: Prof. Drº. Valdir Efun Lourenço e Lima de Santa Rita.

JOÃO PESSOA - PB

2026

S729a Souza, Joseane Bandeira de.

Arquivos comunitários e memória quilombola: práticas de preservação, desafios e protagonismo na Comunidade do Matão - Mogeiro/PB / Joseane Bandeira de Souza. - João Pessoa, 2026.

74 f. : il.

Orientação: Valdir Efun Lourenço e Lima de Santa Rita.

TCC (Graduação) - UFPB/CCSA/ARQUIVO.

1. Arquivologia. 2. Memória. 3. Arquivo comunitário. 4. Comunidade quilombola. 5. Matão-Mogeiro-PB. I. Santa Rita, Valdir Efun Lourenço e Lima de. II. Título.

UFPB/CCSA

CDU 930.25(043)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

FOLHA Nº 10 / 2026 - CCSA - CARQ. (11.01.13.08)

Nº do Protocolo: 23074.031984/2026-75

João Pessoa-PB, 14 de Abril de 2026

FOLHA DE APROVAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

JOSEANE BANDEIRA DE SOUZA

ARQUIVOS COMUNITÁRIOS E MEMÓRIA QUILOMBOLA:

práticas de preservação, desafios e protagonismo na Comunidade do Matão - Mogeiro/PB

Monografia apresentada ao Curso de graduação em Arquivologia da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de bacharel em Arquivologia.

Data de aprovação: 9 de abril de 2026

Resultado: APROVADO

BANCA EXAMINADORA:

Assinam eletronicamente esse documento os membros da banca examinadora, a saber: Prof. Dr. Valdir Efun Lourenço e Lima de Santa Rita (orientador) e Profa. Dra. Ana Cláudia Cruz Córdula (membro interno). A banca examinadora teve como membro externo o Prof. Dr. Jefferson Higino da Silva (UFCA).

(Assinado digitalmente em 14/04/2026 20:02)
ANA CLÁUDIA CRUZ CÓRDULA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Matrícula: 1272602

(Assinado digitalmente em 14/04/2026 18:41)
VALDIR EFUN LOURENCO E LIMA DE SANTA RITA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Matrícula: 3304182

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufpb.br/documentos/> informando seu número: 10, ano: 2026, documento(espécie): FOLHA, data de emissão: 14/04/2026 e o código de verificação: 4b936fe2da

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente e acima de tudo, ao meu Senhor e Salvador Jesus Cristo. Sem a Tua graça e misericórdia, este sonho não passaria de um desejo distante. Obrigada por renovar minhas forças, por me dar sabedoria quando me senti incapaz e por ser o meu sustento nos momentos de exaustão.

'Tudo posso naquele que me fortalece' (Filipenses 4:13). A Ti, Senhor, dedico toda a honra e a glória desta conquista."

Dedico esta conquista aos meus pais. Olho para este trabalho e vejo o reflexo das mãos calejadas, do suor e do amor incondicional de vocês. Obrigada por me ensinarem que a educação é a única herança que ninguém pode me tirar. Espero que este momento seja motivo de orgulho, por acreditarem nos meus sonhos.

Dedico este trabalho, com todo o meu amor, à memória do meu irmão, Josevan Bandeira de Souza. Embora sua ausência física deixou saudade, sinto seu incentivo em cada linha escrita e em cada desafio superado. Sua partida me ensinou sobre a brevidade da vida, mas sua história me ensinou sobre coragem. Sei que, de onde estiver, você está sorrindo com orgulho desta vitória. Esta conquista também é sua.

Um agradecimento especial ao meu companheiro, que segurou a barra e me deu o suporte emocional necessário para focar nos estudos. Obrigada por ser o meu porto seguro, sua paciência e seu incentivo constante foram o combustível que me impediu de desistir nos momentos de incerteza. Esta conquista não é apenas minha, é nossa, pois você acreditou em mim mesmo quando eu duvidei. Amo você.

Ao meu orientador, Prof. Drº. Valdir Efun Lourenço e Lima de Santa Rita, que foi muito além do papel acadêmico. Obrigado pela paciência de mestre e pelo acolhimento de amigos. Suas palavras de incentivo nos momentos de crise foram o combustível necessário para a conclusão deste projeto. Minha eterna gratidão por ter acreditado no meu potencial.

Ao corpo docente do Curso de Arquivologia - UFPB, que expandiram meus horizontes e me transformaram no profissional que sou hoje.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste projeto, o meu muito obrigado. Que esta nova etapa seja guiada pelos princípios do Senhor e para o louvor da Tua glória. "Até aqui nos ajudou o Senhor" (1 Samuel 7:12).

RESUMO

A preservação da memória social constitui elemento fundamental para a valorização da identidade e da memória de grupos socialmente marginalizados, como as comunidades quilombolas. O problema da pesquisa surgiu da necessidade de discussão e investigação, relacionado à preservação e valorização da memória da comunidade, buscando entender, Como a implementação de práticas de um arquivo comunitário pode contribuir para superar os desafios de preservação e valorização da memória histórica e cultural da Comunidade Quilombola do Matão?. Nesse contexto, a presente monografia tem como objetivo analisar as práticas de preservação da memória no arquivo comunitário da Comunidade Quilombola do Matão – Mogeiro/PB, evidenciando os desafios enfrentados e o protagonismo comunitário na construção, organização e valorização de suas narrativas e identidades., destacando o papel do arquivo comunitário na organização, salvaguarda e valorização de seus registros documentais. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza descritiva e exploratória, fundamentada em pesquisa bibliográfica, documental e etnográfica, utilizando como procedimentos a análise de documentos, a observação direta e os relatos orais das pessoas da comunidade. Os resultados evidenciam que a ausência de práticas arquivísticas compromete a preservação e o acesso à memória coletiva, enquanto a aplicação de princípios arquivísticos, respeitando as especificidades socioculturais locais, fortalece o arquivo comunitário como espaço de memória, identidade e resistência cultural. Conclui-se que a atuação do arquivista e ao protagonismo comunitário, constitui-se como ferramenta essencial para a preservação da memória quilombola, contribuindo para o reconhecimento histórico, a valorização cultural e o fortalecimento da identidade da Comunidade do Matão.

Palavras-chave: Arquivologia. Memória. Arquivo Comunitário.. Comunidade Quilombola. Matão-Mogeiro-PB

ABSTRACT

The preservation of social memory constitutes a fundamental element for valuing the identity and memory of socially marginalized groups, such as quilombola communities. The research problem arose from the need for discussion and investigation related to the preservation and valorization of the community's memory, seeking to understand how the implementation of community archive practices can contribute to overcoming the challenges of preserving and valuing the historical and cultural memory of the Quilombola Community of Matão. In this context, the present monograph aims to analyze memory preservation practices in the community archive of the Quilombola Community of Matão – Mogeiro/PB, highlighting the challenges faced and the community's protagonism in the construction, organization, and valorization of its narratives and identities, emphasizing the role of the community archive in organizing, safeguarding, and valuing its documentary records. The research is characterized as qualitative, descriptive, and exploratory in nature, based on bibliographic, documentary, and ethnographic research, using document analysis, direct observation, and oral reports from community members as procedures. The results show that the absence of archival practices compromises the preservation and access to collective memory, while the application of archival principles, respecting local sociocultural specificities, strengthens the community archive as a space of memory, identity, and cultural resistance. It is concluded that the work of the archivist, together with community protagonism, constitutes an essential tool for preserving quilombola memory, contributing to historical recognition, cultural valorization, and the strengthening of the identity of the Matão Community.

Keywords: Archival Science. Memory. Community Archive. Quilombola Community. Matão–Mogeiro–PB.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Entrada Comunidade Quilombola Matão.....	17
Figura 2 – Entrada para comunidade.....	17
Figura 3 – Porteira da entrada.....	18
Figura 4 – EMEIF José Rufino dos Santos.....	18
Figura 5 –Anexo da escola em Manipeba.....	18
Figura 6 – Autora, Orientador e Gestora Escolar.....	19
Figura 7 – Foto com responsável do grupo OloduMatão.....	19
Figura 8 – Profº Drº Valdir Efun Lourenço e Lima de Santa Rita.....	20
Figura 9 – Joseane Bandeira de Souza, agradecendo o acolhimento.....	20
Figura 10 – Grupo OloduMatão.....	21
Figura 11 – Apresentação OloduMatão.....	22
Figura 12 – Grupo OloduMatão.....	22
Figura 13 – Livro sobre a história do Quilombo Matão.....	22
Figura 14 – Representantes da comunidade.....	23
Figura 15 – Mapa dos quilombos na Paraíba – 2006.....	42
Figura 16 – Visão panorâmica da Comunidade Quilombola Matão –Mogei-ro- Paraíba.....	44
Figura 17 – Comunidade Quilombola Matão – Mogei-ro-Paraíba.....	44
Figura 18 - Festa da Consciência Negra no Matão (2014).....	45
Figura 19 – Pessoas moradoras da Comunidade Quilombola do Matão –Mogei-ro- Paraíba...45	
Figura 20 – Pessoas moradores pegando água para consumo.....	46
Figura 21 - Meio de transporte.....	46
Figura 22 – Barreiro onde as pessoas buscam água.....	46
Figura 23 - Quilombo Matão - grupo de percussão e dança afro "OloduMatão"	47

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição de faixa etária dos participantes.....	53
Gráfico 2 – Elementos que fortalecem a memória coletiva.....	55
Gráfico 3 – Formas de registros consideradas mais eficazes.....	56
Gráfico 4 – Participação em ações de preservação de memória.....	57
Gráfico 5 – Avaliação de preservação da memória na comunidade.....	57

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Elementos em torno dos arquivos comunitários.....	29
Quadro 2 - Quadro geral da política de regularização quilombola.....	40
Quadro 3 - Contribuições do arquivista.....	52

LISTA DE SIGLAS

CONARQ	Conselho Nacional de Arquivos
INCRA	O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
RTID	Relatório Técnico de Identificação e Delimitação
FCP	Fundação Cultural Palmares
ICA	Conselho Internacional de Arquivos
AACADE	Associação de apoio às comunidades afrodescendentes.
UNITI PER LA VITA	Associação italiana
EMEIJRS	Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental José Rufino dos Santos

SUMÁRIO

1 “ESTAMOS CHEGANDO DO CHÃO DOS QUILOMBOS, ESTAMOS CHEGANDO NO SOM DOS TAMBORES”: NOSSA APRESENTAÇÃO.....	13
1.1 “MINHA TERRA TEM PALMARES, ONDE ZUMBI FOI ELEITO”:METODOLOGIA APLICADA.....	16
2 “ZUMBI É SENHOR DAS GUERRAS, É SENHOR DAS DEMANDAS”: APONTAMENTOS TEÓRICOS.....	24
2.1 ARQUIVOLOGIA CRÍTICA.....	25
2.2 ARQUIVOS COMUNITÁRIOS: ASPECTOS GERAIS.....	27
2.3 ARQUIVO DE COMUNIDADE QUILOMBOLA.....	30
3 “QUILOMBO, O ELDORADO NEGRO: RESISTÊNCIA E ESPERANÇA AFRO-BRASILEIRA”: CONCEITOS DE MEMÓRIA.....	32
3.1 MEMÓRIA INDIVIDUAL E COLETIVA.....	34
3.2 MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL.....	37
3.3 REMEMORAÇÃO E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA.....	38
4 “ÁFRICA, TERRA DE AMOR, DE LUTA E PAIXÃO”: QUILOMBO, ETNICIDADE, TERRITÓRIO E IDENTIDADE.....	39
4.1 QUILOMBO: O QUE É ISSO?.....	40
4.2 MATÃO: UMA COMUNIDADE NEGRO RURAL.....	42
4.3 HISTÓRIA E MEMÓRIA DO QUILOMBO DO MATÃO-MOGEIRO PARAIBA.....	44
4.4 CONTRIBUIÇÕES DO(A) ARQUIVISTA PARA. PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DO QUILOMBOLA MATÃO PARAÍBA.....	50
5 “NEGRO É A RAIZ DA LIBERDADE”: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	53
6 “VALEU ZUMBI”: DISPUTAS ENTRE MEMÓRIAS.....	59
REFERÊNCIAS.....	61
ANEXOS.....	65

APÊNDICES.....	68
-----------------------	-----------

1 “ESTAMOS CHEGANDO DO CHÃO DOS QUILOMBOS, ESTAMOS CHEGANDO NO SOM DOS TAMBORES”: NOSSA APRESENTAÇÃO

Queimamos, de medo
 -Do medo da história-
 Os nossos arquivos.
 Pusemos em branco
 A nossa memória
 Cultura à margem,
 Culto condenado,
 Fé de freguesia,
 Giro tolerado,
 Revolta ignorada,
 História mentida.

Milton Nascimento, Pedro Casaldáliga. (Missa dos Quilombos)

A história de um povo é construída através de lembranças, de vozes que atravessam o tempo e resistem ao esquecimento, resistindo ao apagamento da memória em específico da comunidade quilombola.

A comunidade que usaremos como fonte de pesquisa e objeto de nosso estudo é a Comunidade Quilombola do Matão, localizada no Município de Mogeiro, na Paraíba, onde percebemos a importância de cada documento, fotografia, relato oral ou registro guardado, que representa um elo precioso entre o passado e o presente. É nesse contexto que o arquivo comunitário ganha um significado que vai muito além da técnica, tornam-se instrumentos de preservação da memória, da identidade e da dignidade de um povo que constroi, dia após dia, sua própria história de lutas e resistências.

As comunidades quilombolas são reconhecidas pela Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 “ como detentoras de patrimônio cultural material e imaterial, incluindo documentos e sítios portadores de reminiscências históricas” (BRASIL, 1988, art. 216, §5º). No entanto, apesar desse reconhecimento legal, muitas dessas comunidades enfrentam dificuldades relacionadas à ausência de políticas públicas efetivas, à falta de infraestrutura e ao limitado apoio técnico para a organização e preservação de seus acervos documentais. Tal cenário favorece o risco de perda, deterioração ou invisibilização de registros fundamentais para a memória coletiva.

O território do Quilombo do Matão – Mogeiro/Paraíba, foi certificado como remanescente de quilombo (reminiscências históricas de antigos quilombos) em 2005, pela Fundação Cultural Palmares.

A comunidade Quilombola do Matão – Mogeiro/PB é um território de resistência e ancestralidade, onde a memória não está apenas nos papéis, mas nas pessoas, nas tradições e nos saberes compartilhados entre as gerações. No entanto, o tempo e a falta de recursos ameaçam esse patrimônio imaterial, tornando urgente o cuidado com os registros que contam a trajetória da comunidade. Com o arquivo comunitário, quando aplicado com sensibilidade cultural, pode fortalecer o sentimento de pertencimento e assegurar que as próximas gerações tenham acesso à história de seus antepassados.

Assim, estudar o arquivo comunitário da comunidade quilombola do Matão é também um ato de reconhecimento e valorização da herança afro-brasileira. É compreender que preservar documentos é preservar vidas, vozes e memórias que ajudam a compor o mosaico da identidade nacional. Este estudo busca, portanto, unir o olhar técnico da arquivologia ao olhar humano da memória social, destacando o papel do arquivo comunitário como guardião da história e símbolo da resistência cultural quilombola.

A preservação da memória social constitui um elemento fundamental para a compreensão da identidade, da história e das práticas culturais dos diferentes grupos que compõem a sociedade brasileira. Nesse contexto, os documentos arquivísticos assumem papel central, pois registram ações, experiências e trajetórias coletivas, possibilitando o reconhecimento e a valorização de grupos historicamente marginalizados. As comunidades quilombolas, cujas memórias, muitas vezes, enfrentam processos de apagamento em razão da ausência de políticas públicas, de infraestrutura adequada e de práticas sistematizadas de preservação documental.

Diante desse cenário, desperta a necessidade de refletir sobre o papel do arquivo comunitário como instrumentos de preservação da memória histórica e cultural quilombola. A ausência de práticas arquivísticas adequadas pode comprometer não apenas a organização e o acesso aos documentos, mas também a transmissão da memória coletiva às futuras gerações.

Assim, a problemática que orienta esta pesquisa consiste em compreender de que forma o arquivo comunitário podem contribuir para a preservação e valorização da memória histórica e cultural da Comunidade Quilombola do Matão – Mogeiro/PB. Nosso problema central da pesquisa é um desafio relacionado à preservação e valorização da memória da comunidade, buscando entender, **Como a implementação de práticas de um arquivo comunitário pode contribuir para superar os desafios de preservação e valorização da memória histórica e cultural da Comunidade Quilombola do Matão?**

Parte-se do pressuposto de que a aplicação de princípios e técnicas da Arquivologia, respeitando as especificidades socioculturais da comunidade, pode fortalecer o arquivo comunitário como espaço de memória, identidade e resistência cultural. Supõe-se, ainda, que a

ausência ou fragilidade dessas práticas impacta negativamente a manutenção da memória coletiva, dificultando o acesso, à preservação e o reconhecimento da história quilombola.

Partindo da hipótese de que o arquivo comunitário, quando aplicada de forma sistematizada e sensível às especificidades socioculturais da Comunidade Quilombola do Matão – Mogeiro/PB, contribui significativamente para a preservação, organização e valorização da memória histórica e cultural da comunidade, fortalecendo o arquivo comunitário como espaço de identidade, pertencimento e resistência cultural.

Nesse sentido, o objetivo geral deste estudo é analisar as práticas de preservação da memória no arquivo comunitário da Comunidade Quilombola do Matão – Mogeiro/PB, evidenciando os desafios enfrentados e o protagonismo comunitário na construção, organização e valorização de suas narrativas e identidades, destacando o papel do arquivo comunitário na valorização, organização e salvaguarda de seus registros documentais. Como objetivos específicos, busca-se: analisar o papel do arquivo comunitário na preservação da memória e da identidade quilombola; discutir a relação entre a preservação do arquivo e o fortalecimento da identidade quilombola, evidenciando o arquivo como instrumento de resistência e afirmação política e reconhecer o arquivo comunitário como espaço de resistência cultural e valorização da identidade negra.

A realização desta pesquisa justifica-se sob diferentes perspectivas. Do ponto de vista sócio institucional, contribui para o fortalecimento da memória e da identidade da Comunidade Quilombola do Matão, promovendo visibilidade e reconhecimento de seu patrimônio cultural.

Sob a perspectiva técnico-científica, o estudo amplia as discussões no campo da Arquivologia sobre arquivos comunitários e dinâmicas documentais em contextos quilombolas, contribuindo para o avanço do conhecimento na área. No âmbito individual, a pesquisa contribui para a formação da pesquisadora enquanto futura arquivista, ao articular teoria e prática em uma realidade social concreta, sensível e historicamente significativa.

Quanto à estrutura, este trabalho está organizado em cinco seções. A primeira seção apresenta a introdução, contextualizando o tema, o problema de pesquisa, os objetivos e a justificativa. A segunda aborda os fundamentos teóricos da Arquivologia, com ênfase nos arquivos comunitários e quilombolas. A terceira discute os conceitos de memória, identidade e memória coletiva, relacionando-os ao contexto quilombola. A quarta seção descreve sobre o Quilombo do Matão, sua história, territorialidade, identidade e legislação aplicada. Por fim, o quinto capítulo apresenta o objeto de estudo, seguido das considerações finais, referências, apêndices e anexos.

1.1 “MINHA TERRA TEM PALMARES, ONDE ZUMBI FOI ELEITO”:METODOLOGIA APLICADA

Minha terra tem palmares onde Zumbi foi eleito
E os negros que lá quilombaram sambavam do mesmo jeito
Mas a negada é pau pra toda obra
E é de decidir
Quem sabe samba e quem não samba sobra
Ou paga pra assistir

Lenine (Samba do Quilombo)

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, uma vez que busca compreender fenômenos sociais, culturais e simbólicos relacionados à memória, à gestão documental e ao arquivo comunitário da Comunidade Quilombola do Matão – Mogeiro/PB. A abordagem qualitativa permite analisar significados, práticas e percepções dos sujeitos envolvidos, considerando o contexto social no qual estão inseridos. De acordo com Maria Cecília Minayo (2014, p. 21), “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, motivos, crenças, valores e atitudes, possibilitando uma compreensão aprofundada da realidade social”.

Quanto aos objetivos, a pesquisa possui caráter descritivo e exploratório. É descritiva por buscar registrar, analisar e interpretar as práticas de gestão documental existentes na comunidade, bem como o funcionamento do arquivo comunitário. É exploratória porque o tema ainda é pouco investigado no campo da Arquivologia, especialmente no que se refere às dinâmicas documentais em comunidades quilombolas. Segundo Antônio Carlos Gil (2017, p. 27), “a pesquisa exploratória tem como finalidade proporcionar maior familiaridade com o problema, enquanto a pesquisa descritiva visa descrever as características de determinado fenômeno”.

No que se refere aos procedimentos técnicos, o estudo fundamenta-se em pesquisa bibliográfica, documental e etnográfica. A pesquisa bibliográfica foi realizada a partir da análise de livros, artigos científicos, dissertações, teses e legislações que abordam temas como gestão documental, Arquivologia, memória social, identidade e arquivos comunitários quilombolas. Conforme Marina Marconi e Eva Maria Lakatos (2017, p. 166), “a pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador entrar em contato direto com produções científicas já existentes, contribuindo para a fundamentação teórica do estudo”.

A pesquisa documental consistiu na análise de documentos produzidos e acumulados pela comunidade quilombola do Matão, tais como fotografias, atas, registros institucionais, correspondências, documentos administrativos e registros orais. Esses documentos foram

analisados considerando seu contexto de produção, organização, estado de conservação e formas de acesso. Segundo Menga Ludke e Marli Eliza André (2013, p. 45), “a análise documental constitui uma técnica importante na pesquisa qualitativa, pois possibilita identificar informações factuais e simbólicas a partir de documentos produzidos em determinado contexto social”.

Complementarmente, foi realizada pesquisa etnográfica, por meio de observação direta e convivência com a comunidade, buscando compreender as práticas culturais, os modos de preservação da memória e o significado atribuído aos documentos pelos membros da comunidade. A etnografia permite ao pesquisador compreender a realidade estudada a partir da perspectiva dos próprios sujeitos sociais. Para Carmem Lucia Mattos e Paula Castro (2011, p. 18), “a pesquisa etnográfica possibilita a interpretação dos fenômenos sociais a partir da vivência cotidiana e das interações estabelecidas no campo”.

A coleta de dados ocorreu por meio de observação direta, registro fotográfico, análise documental e relatos orais, obtidos a partir de conversas e entrevistas com membros da comunidade. Os relatos orais foram considerados fontes relevantes para a compreensão da memória coletiva, especialmente em contextos nos quais parte significativa da história não se encontra registrada formalmente em documentos escritos.

Realizamos uma visita técnica, utilizando o diário de campo como instrumento de coleta de dados com objetivo de uma pesquisa de campo e aplicação de questionários com os representantes da Comunidade Quilombola do Matão- Mogeiro/PB, em 18 de novembro de 2025, nosso trajeto deu início na BR 230 onde encontramos a placa com a descrição de localização do quilombo, o trajeto inicia saindo da BR e entrando em uma estrada de barro, encontramos diversas porteiras em seu trajeto.

Figura 1 – Entrada Comunidade Quilombola Matão



Fonte: Produção do autor(a) (2026).

Figura 2 – Entrada para comunidade.



Fonte: Produção do autor(a) (2026).

Figura 3 – porteira da entrada



Fonte: Produção do autor(a) (2026).

Ao chegarmos na comunidade encontramos casas distanciadas e a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental José Rufino dos Santos (EMEIJRS), em seu centro, a escola disponibiliza a educação infantil e ensino fundamental 1. O quilombo mesmo sendo todos da mesma família de origem, tem um certo distanciamento entre alguns, sendo necessário a disponibilidade de um anexo da escola em uma localidade próxima que se chama Manipeba.

Figura 4 – EMEIF José Rufino dos Santos.



Fonte: Produção do autor(a) (2026).

Figura 5 – anexo da escola em Manipeba.



Fonte: Produção do autor(a) (2026).

Ao chegarmos na Escola tivemos a honra de participar da culminância do Projeto consciência negra, onde fomos recepcionados pela Gestora Risomar Gomes de Oliveira Santos, encontra - se ao centro da foto, a qual é moradora da localidade e nos recebeu em um ambiente escolar decorado para a culminância do projeto "Consciência Negra", nos transmitindo um maravilhoso acolhimento. Assistimos as apresentações das turmas de ambas escolas de Matão e Manipeba, todos juntos.

Figura 6 – Autora, Orientador e Gestora.



Fonte: Produção do autor(a) (2026).

O registro fotográfico foi realizado durante a culminância do projeto "Consciência Negra" na escola, evidenciando a participação de representantes da comunidade e convidados externos. Ao centro, encontra-se a gestora da escola, acompanhada por Leonardo Valentim Rufino, responsável pelo grupo OloduMatão, além de outros participantes do evento. Todos da comunidade participaram desta culminância. A escola se encontrava com um ambiente decorado com painéis temáticos e produções dos estudantes ao fundo, remetendo à valorização da cultura afro-brasileira. A presença de instrumentos musicais, como tambores, reforça o caráter cultural e educativo da atividade, destacando a integração entre escola e comunidade na promoção de saberes e práticas culturais.

Figura 7 – Foto com responsável (Leonardo Valentim Rufino) do grupo OloduMatão.



Fonte: Produção do autor(a) (2026).

O quilombo recebeu a ilustre presença do professor universitário Prof. Drº. Valdir Efun Lourenço e Lima de Santa Rita, conduziu sua fala durante o projeto escolar, compartilhando

seus conhecimentos e dialogando com estudantes e educadores. O momento evidencia a integração entre universidade e escola, promovendo reflexão, aprendizado coletivo e valorização das práticas educativas desenvolvidas ao longo do projeto.

Figura 8 – Profº Drº Valdir Efun Lourenço e Lima de Santa Rita



Fonte: Produção do autor(a) (2026).

Registro da culminância do projeto "Consciência Negra" na Escola Quilombola Matão. Na ocasião, a docente pesquisadora Joseane Bandeira de Souza apresentou os agradecimentos e compartilhou os resultados preliminares de sua imersão na comunidade. A imagem destaca a integração entre a pesquisa acadêmica e os saberes tradicionais, simbolizada pelos instrumentos percussivos e a iconografia da resistência negra que compõem o cenário.

Figura 9 – Joseane Bandeira de Souza, agradecendo o acolhimento



Fonte: Produção do autor(a) (2026).

Fundado em setembro de 2015, no quilombo de Matão, município de Mogéiro, deu início ao grupo OloduMatão impulsionado por Silvia Brenna da Casa dos Sonhos e Alberto Banal da AACADE – Associação de apoio às comunidades afrodescendentes.

A escolha foi proporcionar uma aproximação a um gênero de música e dança afro

característico do ambiente baiano, mas praticamente desconhecido e alheio a cultura musical e artística das comunidades quilombolas da Paraíba.

O grupo não tem recurso, vive de doações e do precioso apoio da Associação italiana “UNITI PER LA VITA”, o estilo surgiu da imaginação e a boa vontade: os tambores nasceram de uma fantasiosa reutilização de baldes adequadamente afinados e o figurino foi costurado pelas mulheres da comunidade.

A identificação com a música baiana foi imediata já a partir da denominação do grupo “OloduMatão”, junção de “Olodum”, máxima expressão da percussão baiana, e o nome do mesmo quilombo “Matão”.

Depois de pouco mais de quatro anos, OloduMatão é reconhecido como uma das novas expressões da cultura afro quilombola paraibana e continua a sua trajetória sob a supervisão do professor de percussão Alberto Lima e da professora de dança afro Luciana Peixoto.

Atualmente o oloduMatão é parte do projeto Escriendo da Casa dos sonhos e da AACADE com o apoio do Ministério Público do Trabalho, Segunda Vara Campina Grande e de Uniti per la vita, Itália, tendo atualmente como responsável Itália, Leonardo Valentim Rufino.

Figura 10 – Grupo OloduMatão.



Fonte: Produção do autor(a) (2026).

A imagem a seguir mostra um grupo de crianças e jovens quilombolas, todos vestindo uniformes brancos personalizados com a logomarca do grupo e docentes da escola. Eles tocam diversos instrumentos de percussão, incluindo atabaques e tambores, demonstrando a prática da musicalidade como forma de expressão e valorização da identidade afro-brasileira. A apresentação foi parte de uma ação educacional e cultural dentro da comunidade.

Figura 11 – Apresentação OloduMatão



Fonte: Produção do autor(a) (2026).

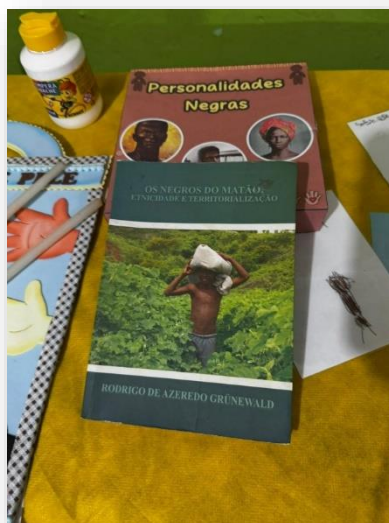
Figura 12 – Grupo OloduMatão



Fonte:Produção do autor(a) (2026).

Encontramos na exposição do projeto, o livro “Os negros do Matão. Etnicidade e territorialização”, do autor Rodrigo de Azevedo Grunewald, segundo relato da gestora esse é o único exemplar disponível na comunidade, rico em informações sobre a Comunidade Quilombola do Matão- Monteiro/PB.

Figura 13 – Livro sobre a história do Quilombo Matão



Fonte: Produção do autor(a) (2026).

Além das atividades na escola, tivemos o privilégio de conversar com representantes da comunidade em seus espaços de vivência. Esses diálogos são o coração do nosso trabalho, onde as histórias do Quilombo Matão – Mogeiro/PB, ganham voz e nos ajudam a construir um conhecimento que realmente faça sentido para o território. Gratidão pela acolhida generosa em seu lar de Dona Luzia de Paiva Santos e sua Filha Josefa de

Paiva dos Santos Silva.

Figura 14 – Representantes da comunidade



Fonte: Produção do autor(a) (2026).

Diante desta visita e dos dados coletados, buscaremos apresentar o arquivo comunitário da comunidade Quilombola do Matão – Mogeiro/PB, descrevendo seu funcionamento, documentos existentes, métodos de guarda e relevância para a preservação da história local.

A gestão documental e o arquivo comunitário podem contribuir de forma decisiva para a preservação e valorização da memória histórica e cultural da Comunidade Quilombola do Matão – Mogeiro/PB, pois permitem organizar, proteger e dar visibilidade aos registros que contam a trajetória e a identidade dessa comunidade.

Por meio da gestão documental, é possível garantir que documentos textuais, fotográficos, sonoros e orais sejam devidamente classificados, conservados e acessíveis às gerações atuais e futuras. Essa prática fortalece a memória coletiva e assegura a continuidade das tradições e dos saberes ancestrais.

O arquivo comunitário, por sua vez, não é apenas um espaço físico de guarda de documentos, mas também um lugar simbólico de pertencimento e resistência cultural. Ele representa a voz da comunidade, permitindo que seus membros se reconheçam em sua própria história e que a sociedade em geral tenha acesso a uma narrativa construída pelos próprios quilombolas e não apenas sobre eles.

Assim, ao integrar técnicas arquivísticas com o respeito às especificidades culturais e sociais do Matão, torna-se uma ferramenta de empoderamento e valorização da identidade quilombola, contribuindo para combater o apagamento histórico e fortalecer o reconhecimento do patrimônio imaterial da comunidade.

Para alcançar o objetivo geral, foi necessário desenvolver um conjunto de ações teóricas e práticas que permitam compreender a realidade local e interpretar seus desafios.

Primeiramente, realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre os principais conceitos relacionados à arquivo, memória e identidade quilombola, buscando fundamentar teoricamente a análise. Autores que tratam da preservação da memória social, arquivos comunitários e cultura afro-brasileira servirão de base para o embasamento científico do trabalho.

Em seguida, uma pesquisa documental e de campo na Comunidade Quilombola do Matão – Mogeiro/Paraíba, com o objetivo de identificar e descrever o acervo existente, observar as práticas de guarda, organização e preservação dos documentos, e compreender o papel do arquivo comunitário na construção da memória coletiva.

Foram utilizadas técnicas de observação direta, registro fotográfico, entrevistas orais e análise dos documentos produzidos ou guardados pela comunidade.

Com base nas informações coletadas, possibilitou analisar e contribuir para fortalecer a identidade e a memória quilombola, destacando os desafios e as potencialidades existentes. A partir disso, o estudo busca propor estratégias e recomendações que orientem a melhoria das práticas arquivísticas e de preservação, adequadas à realidade sociocultural da comunidade.

Dessa forma, iremos alcançar nosso objetivo geral, por meio da articulação entre teoria e prática, unindo o olhar técnico da arquivologia à valorização da cultura e da memória viva da Comunidade Quilombola do Matão – Mogeiro/Paraíba.

A análise dos dados foi realizada de forma qualitativa e interpretativa, articulando os dados empíricos aos referenciais teóricos da Arquivologia e da memória social. Os documentos e relatos foram examinados de modo crítico, considerando seus significados sociais, culturais e simbólicos. De acordo com Maria Cecília Minayo (2014, p. 308), “a análise qualitativa busca interpretar os dados à luz do contexto em que foram produzidos, estabelecendo relações entre teoria e prática”.

Por fim, os resultados da pesquisa foram sistematizados com o objetivo de identificar desafios, fragilidades e potencialidades relacionadas à gestão documental e ao arquivo comunitário da Comunidade Quilombola do Matão – Mogeiro/PB.

2 “ZUMBI É SENHOR DAS GUERRAS, É SENHOR DAS DEMANDAS”: APONTAMENTOS TEÓRICOS

Quando Zumbi chegar
O que vai acontecer
Zumbi é senhor das guerras
É senhor das demandas
Quando Zumbi chega

É Zumbi é quem manda

Canção de Jorge Ben Jor (Zumbi)

2.1 ARQUIVOLOGIA CRÍTICA

Os arquivos têm sua grande importância nas organizações, onde necessariamente o arquivo está ligado a informações. Ao longo da história, o conceito de arquivo houve mudanças de acordo com os modos culturais e de política, eles são reflexos da nossa sociedade, o modo de produção e a maneira de interpretar também estão ligados, esses fatores influenciam a finalidade e os suportes dos arquivos.

Várias foram as definições contidas em seus manuais referente a área, nos quais o arquivo é o "conjunto de documentos que, independentemente da natureza ou do suporte, são reunidos por acumulação ao longo das atividades de pessoas físicas ou jurídicas, públicas ou privadas" (Ana Maria Camargo e Heloísa Bellotto, 1996, p.5).

Em um conceito mais atual e contemporâneo, a qual valoriza o conteúdo informacional registrado nos documentos, Luís Carlos Lopes (2000, p. 33) traz o conceito de arquivo como os:

acervos compostos por informações orgânicas originais, contidas em documentos registrados em suporte convencional ou em suportes que permitam a gravação eletrônica, mensurável pela sua ordem binária (bits); produzidos ou recebidos por pessoa física ou jurídica, decorrentes do desenvolvimento de suas atividades, sejam elas de caráter administrativo, técnico, artístico ou científico, independentemente de suas idades e valores intrínsecos.

Arquivos de acordo com a Lei Federal de Arquivos n.º 8.159, de 8 de janeiro de 1991, art.

Consideram-se arquivos, para os fins desta lei, os conjuntos de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, qualquer que seja o suporte da informação ou a natureza dos documentos.

As bases teóricas da Arquivologia definem normas essenciais que guiam a forma como os documentos de arquivo são tratados, organizados e protegidos. Dentre essas normas, três se destacam como pilares do trabalho em arquivos: o princípio da proveniência, o princípio da organicidade e o princípio da ordem original. Esses princípios garantem a integridade, a autenticidade e o valor informativo dos documentos, sendo cruciais para a gestão documental e

a proteção da memória institucional e social.

O princípio da proveniência, também conhecido como respeito aos fundos, determina que os documentos criados ou acumulados por uma mesma entidade, pessoa ou família devem permanecer juntos, sem se misturarem com documentos de outras fontes. Esse princípio assegura a manutenção do contexto de criação dos documentos, essencial para a compreensão do significado e do papel dos documentos (HELOÍSA BELLOTTO, 2006).

A proveniência permite preservar a identidade do fundo documental, evitando a perda de dados relativos à sua origem administrativa ou histórica.

Segundo o Dicionário de Terminologia Arquivística da Associação dos Arquivistas Brasileiros (1996), o princípio de proveniência é o "Princípio segundo o qual os arquivos originários de uma instituição ou de uma pessoa devem manter sua individualidade, não sendo misturados aos de origem diversa" (p. 61).

Este primeiro princípio define um conjunto de documentos como um arquivo, os documentos a medida que produzidos em decorrência de realizar sua atividade, necessária para cumprir a missão do produtor.

O princípio da organicidade estabelece que os documentos de arquivo mantêm entre si conexões naturais resultantes das atividades e funções do órgão que os produziu. Essas conexões refletem a estrutura, as responsabilidades e os processos institucionais, atribuindo aos documentos um caráter orgânico e funcional (JEAN ROUSSEAU; CAROL COUTURE, 1998). Assim, os documentos não devem ser analisados isoladamente, mas como parte de um todo que expressa as ações e decisões do produtor.

Renato Sousa (2003) discute o papel dos princípios de proveniência e de manutenção da ordem original na classificação de arquivos de uso corrente:

Podemos [...] entender os princípios de respeito aos fundos e o da ordem original como princípios de divisão ou de classificação naturais, pois são atributos essenciais e permanentes ao conjunto (arquivo) a ser dividido. [...] a origem [do] conjunto de documentos é sua marca indelével, inseparável, é o que lhe dá inteligibilidade e identidade. (p. 251).

Por sua vez, o princípio da ordem original determina que os documentos devem ser mantidos na ordem em que foram organizados pelo produtor, desde que essa ordem reflita suas atividades e funções. A preservação da ordem original contribui para a manutenção do contexto de criação e uso dos documentos, facilitando a recuperação da informação e a compreensão das conexões documentais (HELOÍSA BELLOTTO, 2006). Conforme o Conselho Internacional de Arquivos (ICA, 2000), a mudança dessa ordem pode prejudicar a interpretação correta dos

documentos e a confiabilidade do acervo.

O outro princípio que fundamenta as ações de classificação de informações arquivísticas é o princípio da ordem original. Para Jen Rousseau e Carol Couture (1998, p.83), essa vinculação é representada, inclusive, na denominação adotada para os princípios: primeiro grau do princípio da proveniência e segundo grau do princípio da proveniência. Este último visa o respeito ou a reconstituição da ordem interna do fundo. (p. 257).

Desse modo, os princípios da proveniência, da organicidade e da ordem original formam bases essenciais da Arquivologia, orientando práticas técnicas e metodológicas voltadas à organização, à gestão e à proteção dos arquivos, garantindo seu valor jurídico, administrativo, histórico e cultural.

As características dos documentos de arquivos são: A Espécie configura um documento de acordo com a disposição e a natureza das informações nele contidas. São exemplos, Ata, Contrato, Certidões, entre outros.

O Tipo configura uma espécie documental, de acordo com a atividade que a gerou. São exemplos: Ata de reunião, Contrato de prestação de serviço, Certidão de nascimento, entre outros.

A Organicidade os registros arquivísticos surgem e se amontoam naturalmente, como resultado das tarefas e ações executadas por uma organização ou instituição, o que acaba estruturando-os dentro do grupo ao qual estão inerentemente ligados.

A unicidade de cada item em um arquivo se destaca dentro da coleção da qual ele é proveniente, espelhando a conexão individual de cada registro com o evento específico que o originou.

A confiabilidade de um registro arquivístico é considerado autêntico se ele consegue comprovar as informações que apresenta. A autenticidade está ligada ao período em que o documento foi criado e à exatidão do seu conteúdo. Frequentemente, o vocábulo "Fidedignidade" é usado como um termo similar.

A autenticidade de um documento de arquivo é considerado genuíno se corresponder exatamente à sua descrição, não importando se é um rascunho, a versão original ou uma reprodução, e se estiver preservado de modificações ilícitas ou qualquer forma de dano.

2.2 ARQUIVOS COMUNITÁRIOS: ASPECTOS GERAIS

É através do Decreto nº 12.599/2025 que incluiu os arquivos comunitários na Lei nº 8.159/1991 (Lei de Arquivos), conhecida como Lei de Arquivos do Brasil, dispõe de uma política para arquivos seja público ou privado, conforme o autor José Maria Jardim (2006), por

existir uma lei, não necessariamente temos uma política arquivística, “compreensível tal expectativa já que uma legislação adequadamente concebida pode ser um poderoso instrumento a favor da gestão, uso e preservação dos arquivos” (JOSÉ MARIA JARDIM, 2006, P.10).

Os arquivos comunitários surgem a partir da necessidade de documentar, preservar a identidade registrar e a história de sua própria localidade e comunidade, levando em consideração a junção de materiais de acordo com a pertinência social existente.

Os arquivos comunitários apresentam um caráter dual que envolve dimensões políticas e epistemológicas relevantes. De um lado, configuram-se como instrumentos de crítica às instituições tradicionais, ao propor formas alternativas de representação de grupos sociais que, muitas vezes, foram marginalizados ou retratados de maneira inadequada nos registros oficiais. Nesse sentido, evidenciam lacunas, silenciamentos e distorções históricas produzidas a partir de perspectivas externas.

Por outro lado, esses arquivos também exercem um papel fundamental no fortalecimento interno das comunidades que os constituem. Ao promoverem a participação ativa dos sujeitos na construção e preservação de suas memórias, contribuem para a afirmação de uma autonomia narrativa. Assim, possibilitam que essas comunidades se reconheçam como protagonistas de suas próprias histórias, consolidando processos de identidade, pertencimento e valorização cultural. Podemos perceber que os arquivos comunitários podem favorecer para que aconteça o rompimento com o monopólio institucional da memória e contribuir para a justiça social.

No cenário brasileiro, conforme apontado por Alencar e Cervantes (2023:55) ainda é raro o debate a respeito dos arquivos comunitários. Contudo, nos últimos anos podemos destacar que os arquivos comunitários foram incluídos nos debates do campo arquivístico brasileiro, a partir da confluência de experiências promovidas por intermédio dos encontros científicos e especialmente a partir da inclusão do termo “arquivos comunitários” na legislação arquivística brasileira.

A definição de arquivos comunitários demonstra que eles podem ser um conjunto de documentos por meio das suas atividades relacionadas ao seu acervo, objetivamente considerar “esses acervos, com o objetivo de afirmar suas memórias, identidades e trajetórias sociais” (BRASIL, 2025).

Quadro 1: Elementos em torno dos Arquivos Comunitário

Definição do termo	O conceito de "arquivos comunitários" varia; pode se referir a comunidades locais ou a grupos definidos por características específicas como etnia, gênero ou interesses comuns.
Características gerais	Arquivos comunitários geralmente compartilham traços como participação ativa da comunidade, controle local e um enfoque inclusivo para a documentação.
Tipos de coleções	Incluem documentos, objetos culturais, publicações, histórias orais e materiais audiovisuais.
Motivação	Baseada na preservação da herança comunitária e na criação de um registro valorativo para a própria comunidade.
Relacionamento com a comunidade	Envolvimento ativo dos membros da comunidade em todas as fases do arquivamento, desde a coleta até a preservação.
Independência	Podem ser independentes ou colaborar com instituições formais, com foco na direção comunitária.
Desafios e críticas	Questões sobre a definição de "comunidade" e a adequação do termo "arquivos" em práticas não tradicionais.
Transformação sustentabilidade	Podem passar de iniciativas pessoais para instituições mais formais; desafios incluem manter a relevância e sustentabilidade ao longo do tempo.
Função	Espaços para reconfiguração de narrativas históricas, promovendo justiça social e criando identidade comunitária.
Colaboração	Possibilidades de colaboração entre arquivistas comunitários e profissionais para preservar acervos.

Fonte: Silva, Jefferson (2025, p. 61).

O quadro apresentado nos permite compreender os arquivos comunitários não apenas como espaços de guarda documental, mas como expressões vivas da identidade e da memória coletiva de grupos sociais. Diferentemente dos arquivos tradicionais, sua definição é mais flexível, o que revela sua capacidade de adaptação às diversas realidades sejam elas comunidades territoriais ou grupos unidos por cultura, identidade ou interesses comuns. Essa característica já indica um movimento importante de democratização da memória.

Ao observar suas características gerais, percebe-se que a participação ativa da comunidade é o elemento central. Isso significa que os sujeitos deixam de ser apenas fontes de informação e passam a ocupar um papel protagonista na construção, organização e preservação de suas próprias histórias. Esse aspecto torna os arquivos comunitários mais inclusivos e representativos, especialmente para grupos historicamente marginalizados.

Outro ponto relevante é a diversidade dos materiais que compõem esses acervos. A presença de documentos, relatos orais, objetos culturais e registros audiovisuais amplia a noção tradicional de documento, valorizando diferentes formas de expressão e conhecimento. Essa pluralidade contribui para uma visão mais rica e sensível da memória social.

A motivação para a criação desses arquivos está fortemente ligada ao desejo de preservar a herança cultural e fortalecer a identidade coletiva. Nesse sentido, o envolvimento

direto da comunidade em todas as etapas do processo arquivístico reforça o sentimento de pertencimento e responsabilidade sobre a própria história.

No entanto, o quadro também evidencia desafios importantes. As discussões sobre o que define uma “comunidade” e até mesmo o uso do termo “arquivo” mostram que ainda há tensões entre as práticas comunitárias e os modelos tradicionais da Arquivologia. Além disso, questões como sustentabilidade, continuidade e recursos limitados podem dificultar a consolidação dessas iniciativas ao longo do tempo.

Apesar dessas dificuldades, destaca-se o potencial transformador dos arquivos comunitários. Eles funcionam como espaços de reconstrução de narrativas, permitindo que grupos sociais contêm suas próprias histórias sob suas perspectivas, o que contribui para a promoção da justiça social e o fortalecimento das identidades coletivas.

Por fim, a possibilidade de colaboração entre arquivistas profissionais e comunidades surge como um caminho promissor. Essa parceria pode unir conhecimento técnico e saberes locais, garantindo não apenas a preservação dos acervos, mas também o respeito às especificidades de cada grupo.

Assim, a análise do quadro evidencia que os arquivos comunitários vão além de uma função técnica: eles representam práticas sociais significativas, marcadas pela participação, resistência e valorização da memória coletiva.

Os arquivos comunitários podem ser compreendidos como iniciativas criadas e geridas pelas próprias comunidades, com o objetivo de preservar, organizar e difundir documentos que expressam suas memórias, identidades e trajetórias sociais, configurando-se como instrumentos de democratização da memória e de fortalecimento do protagonismo social. Eles caracterizam-se como iniciativas criadas e geridas pelas próprias comunidades, voltadas à preservação de documentos que expressam suas memórias, identidades e trajetórias sociais, evidenciando o protagonismo dos grupos na construção e democratização da memória coletiva.

2.3 ARQUIVO DE COMUNIDADE QUILOMBOLA

Esta temática ainda pouco estudada aborda a importância e a relevância dos arquivos comunitários quilombolas como ferramentas essenciais para a auto representação e preservação da identidade desses grupos no Brasil.

Um arquivo comunitário é uma coleção de documentos, fotos, vídeos, depoimentos orais e outros materiais que registram a história, a cultura e a memória de uma comunidade específica.

Diferente de um arquivo institucional (como os de um governo ou empresa), o arquivo comunitário é geralmente criado, mantido e gerido pelos próprios membros da comunidade.

O manuseio de fundos documentais que privilegiem a narrativa dos sujeitos negros é itinerário imprescindível para enredar uma historicidade constitucional que colacione eventos, personagens, lugares, temporalidades, enfim, episódios da experiência constitucional da população negra. (RODRIGO GOMES, 2021, p. 142)

O principal objetivo é preservar a memória local e a identidade do grupo, dando voz às pessoas que muitas vezes são ignoradas pela história oficial. Ele pode documentar a luta por direitos, a história de um bairro, as tradições de um povo indígena, a memória de imigrantes, ou qualquer outra narrativa que seja importante para aquele grupo social.

Um arquivo comunitário quilombola é uma coleção de documentos, registros, objetos e memórias que preservam a história e a cultura de uma comunidade quilombola específica. Ele vai muito além de ser um simples depósito de itens; é uma ferramenta de resistência, afirmação identitária e luta por direitos.

Diferentemente dos arquivos oficiais, que muitas vezes excluem ou distorcem a história dos povos negros, o arquivo quilombola é construído pela própria comunidade. É um esforço para registrar e valorizar sua trajetória, tradições e organização social, que foram transmitidas oralmente por gerações.

Analisar a comunidade quilombola é fazer uma viagem e se aventurar em suas narrativas, pois, é através da tradição oral que são preservados os saberes dos seus ancestrais. Essas falas são transmitidas de uma geração para outra, e é assim que chegam aos dias atuais (XAVIER FILHO, 2021, p. 12).

Este arquivo se torna um solo fértil onde a memória floresce, a resistência se fortalece e a cultura ancestral encontra sua salvaguarda para as futuras gerações.

A memória e história quilombola são cruciais para a compreensão social brasileira, mas foram marginalizadas. Os arquivos comunitários emergem como resistência ao apagamento cultural, construindo uma história contada pelos próprios quilombolas. Podendo assim ter sua autorrepresentação como ferramentas para a própria narrativa, sua preservação cultural com salvaguarda de identidade e tradições e resistência contra o apagamento histórico.

Arquivos quilombolas consolidam-se como instrumentos de empoderamento, mas enfrentam desafios como falta de recursos que dificultam a conservação e manutenção, a infraestrutura inadequada com condições precárias de armazenamento e capacitação limitada.

Os arquivos comunitários quilombolas, mais que depósitos, são espaços vivos de

memória e auto afirmação, abrangendo como os documentos oficiais: certidões, títulos de terra, registros de associações. Seus registros visuais: fotografias, vídeos e obras de arte.

Objetos: Ferramentas, artesanato, vestimentas. memória oral: relatos de vida, lendas, cantos e provérbios

A relevância desses arquivos é multifacetada, atuando como pilares para a identidade, luta por direitos, preservação da memória e descolonização do conhecimento. Afirmação Identitária reforça sua identidade coletiva e o senso de pertencimento. A preservação da memória busca assim garantir a transmissão do conhecimento ancestral.

Os arquivos comunitários quilombolas: enfrentam apagamento histórico e constroem contra-narrativas.

Os arquivos comunitários quilombolas configuram-se como espaços de construção social da memória, nos quais os sujeitos assumem papel ativo na produção, organização e preservação de seus registros. Nesse sentido, conforme aponta Jefferson Higino da Silva, tais arquivos rompem com a lógica tradicional da Arquivologia, historicamente vinculada a instituições formais, ao evidenciarem práticas autônomas, situadas e marcadas pelo protagonismo comunitário.

A partir dessa perspectiva, os arquivos de comunidades quilombolas podem ser compreendidos como espaços de resistência, nos quais se constroem narrativas próprias frente aos processos históricos de invisibilização. Assim, conforme discute Jefferson Higino da Silva, esses arquivos não apenas preservam documentos, mas produzem sentidos, identidades e formas de afirmação social.

3 “QUILOMBO, O ELDORADO NEGRO: RESISTÊNCIA E ESPERANÇA AFRO-BRASILEIRA”: CONCEITO DE MEMÓRIA

Quilombo
Que todos tiveram de tombar amando e lutando
Quilombo
Todos nós ainda hoje desejamos tanto
Existiu
Um eldorado negro no Brasil
Existiu
Viveu, lutou, tombou, morreu, de novo ressurgiu

Gilberto Gil (Quilombo, o Eldorado Negro)

De acordo com os estudos, a temática memória começa a ganhar destaque nas

perspectivas teóricas entre os séculos de XX e XXI, tendo uma maior abordagem nas áreas sociais e humanas.

Toda memória individual é também social, uma vez que a mesma não brota de indivíduos isolados, mas sim dos marcos de necessidades e valores de uma sociedade, como afirma Maurice Halbwachs (2006). Com este conceito a memória coletiva ganha espaço e significado.

Para Halbwachs (2006), a memória se relaciona de maneira sistemática com os grupos sociais, por isso propôs a noção de memória coletiva, concluindo que toda lembrança era sempre coletiva, e não havia como separar a memória individual da sua construção social.

A memória é um processo de retenção de informações, nas quais nossas experiências são arquivadas e recuperadas quando buscamos, sendo um processo de retenção de informações obtidas pelas experiências vividas e passadas às novas gerações, com as memórias e registros.

Para construir nossa identidade, precisamos do acesso à nossa memória, os registros da memória e histórias, que em sua maioria, são arquivados em documentos gerados pelas organizações, pessoas ou famílias.

O conceito memória enquanto um fenômeno social se apresenta como um processo histórico e tradicional que observa e analisa as características culturais de um determinado povo.

A memória é, portanto:

[...] um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (MICHAEL POLLAK, 1989, p.16).

Nos dias atuais falar em memória implica em discutir como acontece as experiências seja social, coletiva, herdadas, ou guardadas por gerações. A memória constitui um elemento essencial para a compreensão das relações sociais, da identidade e da continuidade histórica dos grupos humanos. No campo das Ciências Sociais e da Ciência da Informação, a memória é compreendida como um processo dinâmico, coletivo e socialmente construído, que envolve a seleção, a preservação e a transmissão de experiências, valores e saberes ao longo do tempo.

Segundo Maurice Halbwachs (2006), a memória não é um fenômeno exclusivamente individual, mas resulta das interações sociais estabelecidas no interior dos grupos. Para o autor, a memória individual está sempre inserida em quadros sociais que orientam o que é lembrado e como é lembrado. Conforme afirma Halbwachs, “é na sociedade que o homem normalmente adquire suas lembranças, é nela que as evoca, as reconhece e as localiza” (MAURICE

HALBWACHS, 2006, p. 30). Dessa forma, a memória coletiva configura-se como um instrumento fundamental para a construção e manutenção da identidade social.

No contexto da memória social, Michael Pollak (1992) destaca que a memória está diretamente relacionada às disputas simbólicas e aos processos de reconhecimento e esquecimento. Para o autor, lembrar e esquecer são ações permeadas por relações de poder, uma vez que determinados grupos conseguem legitimar suas narrativas históricas enquanto outros permanecem silenciados. Assim, a memória pode ser compreendida como um espaço de conflito, no qual se define quais experiências serão preservadas e quais serão relegadas ao esquecimento (MICHAEL POLLAK, 1992, p. 204).

No âmbito da Ciência da Informação e da Arquivologia, a memória encontra-se intrinsecamente relacionada aos documentos e aos arquivos, que funcionam como suportes materiais e simbólicos da lembrança social. Os arquivos, ao reunirem documentos produzidos e acumulados no decorrer das atividades humanas, desempenham papel fundamental na preservação da memória institucional, comunitária e social. De acordo com Pierre Nora (1993), os arquivos podem ser compreendidos como “lugares de memória”, isto é, espaços nos quais a sociedade deposita vestígios do passado com o objetivo de preservar referências identitárias frente às transformações do tempo (PIERRE NORA, 1993, p. 13).

A preservação da memória, portanto, não se limita à conservação física dos documentos, mas envolve também processos de organização, acesso e uso social da informação. Nesse sentido, a gestão documental apresenta-se como instrumento essencial para assegurar que os registros da memória coletiva permaneçam disponíveis e significativos para as gerações presentes e futuras. Conforme destaca Jeferson Silva (2025), os arquivos comunitários, especialmente em contextos quilombolas, assumem função estratégica na valorização das narrativas produzidas pelos próprios sujeitos históricos, contribuindo para o fortalecimento da identidade e da resistência cultural.

Assim, compreende-se a memória como um fenômeno socialmente construído, sustentado por práticas documentais e arquivísticas que possibilitam a preservação, a interpretação e a ressignificação das experiências coletivas. No contexto das comunidades quilombolas, a memória assume caráter político e identitário, constituindo-se como instrumento de afirmação cultural, reconhecimento histórico e luta contra o apagamento social.

3.1 MEMÓRIA INDIVIDUAL E MEMÓRIA COLETIVA

Ao longo dos anos os seres humanos desenvolveram a capacidade de reter e transmitir experiências às novas gerações, em vários tipos de suportes, como imagem, textos, livros e

outros.

A memória quando individual, é a representação de suas vivências e experiências guardadas ao longo dos anos, mas contém aspectos da memória do grupo social onde se socializou. A memória coletiva é formada por fatos e aspectos relevantes, as quais são guardadas na memória de uma sociedade. Expressas através de quadros, fotos, obras, monumentos, dentre outros diversos suportes que expressam o passado coletivo de uma sociedade.

Para Jacques Le Goff de um modo geral podemos considerar memória como sendo:

A Memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode utilizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (JACQUES LE GOFF, 2003, p. 419).

A memória é entendida como um conjunto de fatores, elementos, personagens que remetem as lembranças do passado, seja ela na consciência individual ou na memória coletiva, estas relações estão sempre ligadas às experiências, visto que:

A memória possui contextualidade e é possível ser atualizada historicamente [...] é uma representação produzida através da experiência. Constitui-se de um saber, formando tradições, caminhos – como canais de comunicação entre dimensões temporais –, ao invés de rastros e restos como no caso da lembrança. [...] A memória pode constituir-se de elementos individuais e coletivos, fazendo parte da perspectiva de futuro, de utopias, de consciências do passado e de sofrimento. Ela possui a capacidade de instrumentalizar canais de comunicação para consciência histórica e cultura, uma vez que pode abranger a totalidade do passado, num determinado corte temporal. (ASTOR DIEHL, 2002, p. 116).

A memória pode representar acontecimentos vivenciados, onde podem ser registrados individualmente ou em grupo, tendo vários valores e significados simbólicos, que precisam de um suporte para materializar.

A memória individual refere-se ao conjunto de lembranças, experiências e vivências construídas ao longo da trajetória de vida de cada sujeito. Trata-se de um processo cognitivo e social por meio do qual o indivíduo registra, interpreta e ressignifica acontecimentos vividos, atribuindo-lhes sentidos de acordo com sua história pessoal, emoções e contexto sociocultural.

Embora se manifeste no plano individual, a memória não se constroi de forma isolada. Maurice Halbwachs (2006) destaca que as lembranças individuais são sempre influenciadas pelos grupos sociais dos quais o sujeito participa, como a família, a comunidade, a religião e as instituições.

Nesse sentido, o autor afirma que “a memória individual não está completamente isolada, pois para lembrar é preciso recorrer aos quadros sociais da memória” (MAURICE HALBWACHS, 2006, p. 42).

Do ponto de vista sociocultural, a memória individual é continuamente reelaborada, uma vez que o sujeito seleciona, esquece ou transforma determinadas lembranças conforme suas experiências presentes. Michael Pollak (1992) observa que as memórias individuais são marcadas por silêncios, esquecimentos e seleções, processos que refletem tanto experiências pessoais quanto pressões e influências sociais (MICHAEL POLLAK, 1992, p. 205).

Assim, a memória individual pode ser compreendida como um fenômeno dinâmico, subjetivo e relacional, que se constitui na interação entre o indivíduo e o meio social, articulando experiências pessoais às referências coletivas compartilhadas.

Jacques Le Goff (1996) defende que a memória coletiva é uma representação das formas de domínio de um determinado grupo social.

[...] A memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. (JACQUES LE GOFF, 1996, p.426).

A memória coletiva corresponde ao conjunto de lembranças, representações e narrativas compartilhadas por um grupo social, que contribuem para a construção de sua identidade, de seus valores e de sua continuidade histórica. Diferentemente da memória individual, a memória coletiva não se limita às experiências vividas diretamente pelos indivíduos, mas é construída socialmente por meio de símbolos, rituais, tradições, documentos e narrativas transmitidas entre gerações.

Segundo Maurice Halbwachs (2006), a memória coletiva é sustentada pelos quadros sociais que orientam o que deve ser lembrado e preservado por determinado grupo. Para o autor, “a memória coletiva é o conjunto de lembranças que um grupo mantém vivas, apoiando-se em referências comuns” (MAURICE HALBWACHS, 2006, p. 54). Dessa forma, a memória coletiva desempenha papel fundamental na manutenção da coesão social e no fortalecimento do sentimento de pertencimento.

Michael Pollak (1992) enfatiza que a memória coletiva está relacionada a processos de poder, reconhecimento e identidade, uma vez que determinadas narrativas são legitimadas enquanto outras são silenciadas. Para o autor, a memória coletiva é um espaço de disputa simbólica, no qual se definem as versões do passado que serão socialmente reconhecidas (MICHAEL POLLAK, 1992, p. 210).

3.2 MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL

Segundo Michael Pollak (1989) a memória é constituída por acontecimentos, pessoas, personagens e lugares. Os acontecimentos geralmente podem ser vivenciados individualmente, em grupo ou pelo conjunto de pessoas às quais fazem parte. Tudo acontece em um tempo espaço onde as pessoas envolvidas podem ser o (a) participante ou o personagem do acontecimento os quais contribuem para construir a memória. Os lugares remetem às lembranças de pertencer a um local em específico.

Os acontecimentos, personagens e lugares são fatores importantes que contribuem para a construção da memória, podendo ser consciente ou inconsciente. Segundo Michael Pollak, “há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade” (1989, p.12). A identidade é uma representação e uma percepção da imagem que deseja passar para as outras pessoas.

A memória é, portanto:

[...] um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (MICHAEL POLLAK, 1989, p.16)

A memória atua na construção de identidades seja ela individual ou coletiva da complexidade humana, ajudando na produção do conhecimento histórico, registrado em inúmeras leituras.

Sobre o indivíduo como testemunha Ecléa Bosi (2006, p. 411) evidências:

Uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares e profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre vicissitudes da evolução de seus membros e depende da sua interação. Por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum

Para o resgate, preservação e divulgação a memória possibilita o relembrar, o reencontrar e o pertencimento que é o início da construção da identidade.

A história oral, é contada a partir de memórias de indivíduos que vivenciaram esta história, que contribuem para os grupos sociais que favorecem o autoconhecimento.

3.3 REMEMORAÇÃO E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA

Diante de vários estudos, os fatores referentes aos laços culturais é primordial para preservar a memória de uma comunidade, neste caso em específico a comunidade quilombola.

Lucilia Delgado (2006, p. 135) define a “memória como uma construção sobre o passado, atualizada e renovada no tempo presente”. Ao utilizarmos nossa memória como meio de resgatar a história de vida de uma pessoa ou comunidade, suas experiências e vivências, desenvolvemos assim sua identidade e fortalecimento na organização comunitária.

Pode-se destacar a importância da história oral, no que se refere ao resgate da memória, baseando-se no trecho que segue:

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (PAUL THOMPSON, 1992, p. 17)

O resgate da memória da comunidade quilombola, através de sua história oral, busca dar voz aos silenciados, dando oportunidade para que os que são sujeitos da história apresentem a riqueza de informações, que muitas vezes não contidas em documentos, são testemunhas vivas da sua história.

Para Alfredo Bosi (1987, p. 23), “a memória individual é também social, familiar e grupal; por meio das falas, resgata-se um tempo, uma cidade, desejos e esperanças”.

De acordo com Pierre Nora (1993, p. 9):

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam: ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções

As memórias e lembranças de um grupo, fazem parte de documentos históricos, tendo igual valor aos documentos escritos, contribuindo para resgate e preservação da história, no caso das populações negras descritas.

4 “ÁFRICA, TERRA DE AMOR, DE LUTA E PAIXÃO” : QUILOMBO, ETNICIDADE, TERRITÓRIO E IDENTIDADE

Uma nova era começou
 Abrindo os corações de novas gerações
 Na busca de seus ideais
 O negro ainda sonha com igualdade
 Tem quizomba no terreiro
 Tem baluartes e batuqueiros
 Cordão é festa popular
 E hoje o meu samba é universal
 Nas cores do Brasil

Anderson de Deus (Quilombos, Quilombolas, Kizomba)

As pesquisas identificam que mesmo ao longo dos anos as comunidades remanescentes quilombolas, vivem em situações de carências em todas as áreas sociais, mesmo com a promulgação da Constituição Federal de 1988, existindo uma falta de assistência pelos governos.

O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, Incra, é uma autarquia federal cuja missão prioritária é executar a reforma agrária e realizar o ordenamento fundiário nacional.

As comunidades quilombolas são denominadas um grupo étnicos, constituídos pela população negra urbana ou rural, eles se autodefinem a partir das relações com a terra, o território, os parentesco, os ancestrais, as tradições e as práticas culturais.

O Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

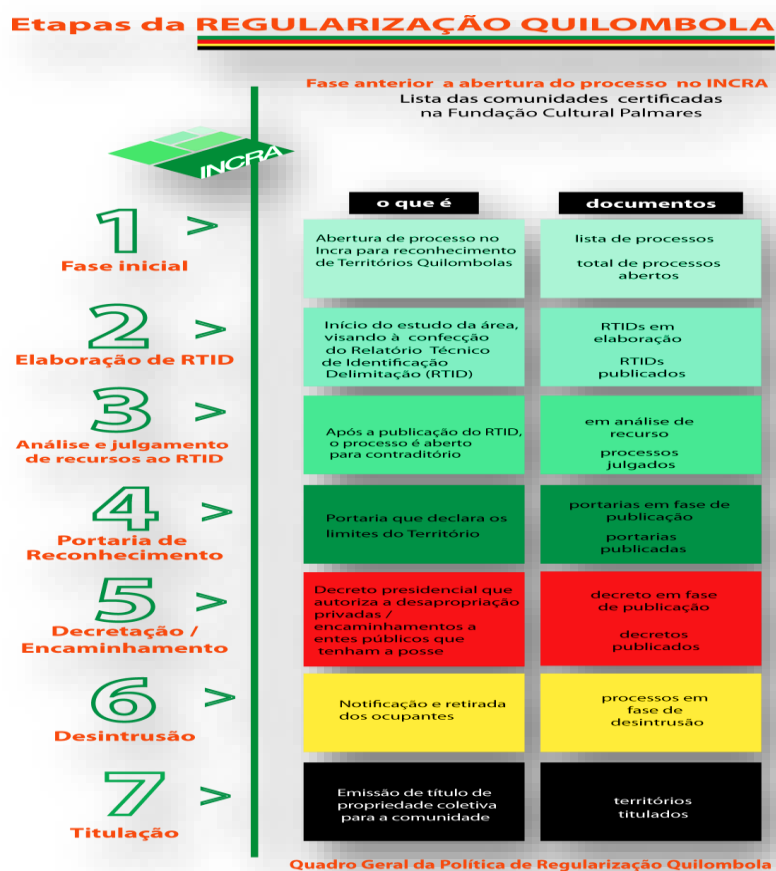
Com este Decreto 4887/2003, foi transferido para o Incra o órgão competente, na esfera federal, a responsabilidade para delimitar as terras dos remanescentes das comunidades quilombolas, suas titulações e demarcações.

Para cuidar dos processos de titulação, o Incra criou, na sua Diretoria de Ordenamento da Estrutura Fundiária, a Coordenação Geral de Regularização de Territórios Quilombolas (DFQ) e nas Superintendências Regionais, os Serviços de Regularização de Territórios Quilombolas.

Para que o Incra inicie os trabalhos em determinada comunidade, ela deve apresentar a Certidão de Registro no Cadastro Geral de Remanescentes de Comunidades de Quilombos, emitida pela Fundação Cultural Palmares. A primeira parte dos trabalhos do Incra consiste na elaboração de um estudo da área, destinado à confecção do Relatório Técnico de Identificação

e Delimitação (RTID) do território. Uma segunda etapa é a de recepção, análise e julgamento de eventuais contestações. Aprovado em definitivo esse relatório, o Incra publica uma portaria de reconhecimento que declara os limites do território quilombola.

Quadro 2- Quadro geral da política de regularização quilombola.



Fonte: INCRA.

4.1 QUILOMBO: O QUE É ISSO?

Com base em registros históricos o conceito de quilombo surgiu no período colonial elaborado pelo Conselho Ultramarino por volta de 1970 em resposta a um questionamento do Rei de Portugal, onde denomina-se por quilombo “toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenha ranchos levantados e nem se achem pilões nele”. (ALFREDO WAGNER ALMEIDA, 2002, P.47). Sendo sempre associado os conceitos a condição de negros escravos.

Com a chegada da abolição da escravatura os quilombos que serviam de cativeiro para os negros fugitivos, deixaram de ser uma preocupação para as autoridades, pois tornaram-se

livres. Mesmo com o passar do tempo, as comunidades quilombolas ainda resistem com suas tradições. Por longos anos foram esquecidos, voltando aparecer no texto constitucional em 1988, enquanto remanescentes de quilombos.

Art. 68. Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos. (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988).

Da forma como foi redigido, o art. 68 cria não só um direito à propriedade definitiva das terras ocupadas, mas também a categoria política e sociológica detentora deste direito remanescente de quilombos. Mesmo assim, não resolveu todos os problemas dos quilombos, do contrário trouxe inúmeros questionamentos referente a sua aplicação.

O termo quilombola definida como as localidades onde os negros africanos e por descendentes que se opunham ao regime escravista e fugiam da escravidão. Com o artigo 68 na Constituição de 1988, conseguiram o reconhecimento de remanescente quilombola dessas comunidades.

Felipe Cunha e Sebastião Albano (2017, p. 3) explicam:

A reunião de escravos fugidos em grupos foi um movimento que se repetiu em toda a América, recebendo nomes distintos a depender da região colonizada. No Brasil, os grupos eram chamados de mocambos e quilombos, onde se reuniam quilombolas, calhambolas e mocambeiros. Entretanto, a palavra que se firmou nas legislações oficiais e historiografia para designar os grupos de escravos fugidos foi quilombo.

Diante deste cenário dos movimentos negros, chama a atenção nas disputas políticas em torno da legalização das terras remanescente quilombolas, que sofrem transformação dos quilombos em etnia.

Com efeito, tomam-se os termos pelos quais se caracteriza uma etnia, quais sejam, a existência de um nome próprio comum, de um mito de uma ancestralidade compartilhada, de memórias históricas compartilhadas, de elementos de uma cultura comum, de um vínculo e de um senso comum de solidariedade, fica evidente o acento étnico da política de reconhecimento dos quilombos.

Conforme a legislação, os remanescentes das comunidades de quilombos.

[...] são grupos étnico-raciais, fundamentados em critérios de autoatribuição, que compartilham uma trajetória histórica singular, relações territoriais específicas e uma conexão de ancestralidade negra associada à luta contra a opressão histórica (BRASIL, 2003, art. 2º).

Os quilombos, ocuparam seu lugar de resistência e afirmação, com seus direitos territoriais e marcos legais garantidos, diante da nossa legislação.

4.2 MATÃO: UMA COMUNIDADE NEGRO RURAL

Em um período histórico do Brasil a população negra, chegou do continente africano, passaram por um regime escravocrata, foram séculos de escravidão, sofrendo preconceitos e desigualdade, que repercute aos nossos dias atuais.

O regime escravocrata, de acordo com os historiadores, não era de forma pacífica, os escravos eram submetidos a cativeiros e torturas, alguns fugiam para esconderijos denominados quilombos. Existindo em diversas regiões do nosso País, abaixo está a representação dos quilombos certificados no Estado da Paraíba.

Figura 15 – Mapa dos quilombos na Paraíba – 2006



Fonte: <https://quilombosdaparaiba.blogspot.com/p/mapas.html>

Matão é uma comunidade quilombola localizada no município de Mogeiro, no estado da Paraíba, no Brasil. Com população de 168 pessoas (Censo, 2022); 29 famílias (Incra, 2025). <https://cpisp.org.br/matao-pb/>.

A Comunidade Matão foi fundada por Manoel Rufino e o nome da comunidade está relacionado à grande mata fechada que cobria a área quando os primeiros moradores ali chegaram, distribuídas em uma área de 214,0022 hectares. O território foi certificado como remanescente de quilombo (reminiscências históricas de antigos quilombos) em 2005, pela Fundação Cultural Palmares.

O Quilombo Matão, Mogeiro-PB, foi certificado como remanescente de quilombo. De acordo com a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, pela FCP –

Fundação Cultural Palmares, nome Atribuído: Quilombo Matão, Localização: Mogeiro/PB, Processo FCP: Processo nº 01420.000656/2004-86, Certificado FCP: Portaria nº 23/2005, de 25/05/2005, Quilombos certificados (2020).

Resolução de Tombamento: Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: [...] § 5º Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos.

Comunidades Quilombolas: Conforme o art. 2º do Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, “consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.”

São, de modo geral, comunidades oriundas daquelas que resistiram à brutalidade do regime escravocrata e se rebelaram frente a quem acreditava serem eles sua propriedade.

As comunidades remanescentes de quilombo se adaptaram a viver em regiões por vezes hostis. Porém, mantendo suas tradições culturais, aprenderam a tirar seu sustento dos recursos naturais disponíveis ao mesmo tempo em que se tornaram diretamente responsáveis por sua preservação, interagindo com outros povos e comunidades tradicionais tanto quanto com a sociedade envolvente. Seus membros são agricultores, seringueiros, pescadores, extrativistas e, dentre outras, desenvolvem atividades de turismo de base comunitária em seus territórios, pelos quais continuam a lutar.

Embora a maioria esmagadora encontrem-se na zona rural, também existem quilombos em áreas urbanas e periurbanas.

Em algumas regiões do país, as comunidades quilombolas, mesmo aquelas já certificadas, são conhecidas e se autodefinem de outras maneiras: como terras de preto, terras de santo, comunidade negra rural ou, ainda, pelo nome da própria comunidade (Gorutubanos, Kalunga, Negros do Riacho, etc.).

De todo modo, temos que comunidade remanescente de quilombo é um conceito político- jurídico que tenta dar conta de uma realidade extremamente complexa e diversa, que implica na valorização de nossa memória e no reconhecimento da dívida histórica e presente que o Estado brasileiro tem com a população negra.

4.3 HISTÓRIA E MEMÓRIA DO QUILOMBO DO MATÃO- MOGEIRO/ PARAÍBA

Figura 16 – Visão panorâmica da Comunidade Quilombola Matão – Paraíba



Fonte: <https://paraibacriativa.com.br/artista/comunidade-quilombola-do-sitio-matao/>

A Comunidade Quilombola do Matão, está localizada no município de Gurinhém, no estado da Paraíba, á 80 km da capital João Pessoa, e a 3km, ao lado esquerdo da BR 230 quem vai no sentido João pessoa-Campina Grande, e 3 km ao lado direito para quem vem sentido Campina Grande -João Pessoa,situada na mesorregião do agreste paraibano, a comunidade apresenta um relevo diferenciado e típico das comunidades quilombolas do Brasil. Terrenos acidentados, cadeias de montanhas e clima quente, vegetação rasteira.

Figura 17 – Comunidade Quilombola Matão – Paraíba



Fonte: <https://paraibacriativa.com.br/artista/comunidade-quilombola-do-sitio-matao/>

Figura 18 - Festa da Consciência Negra no Matão (2014)



Fonte: Quilombos da Paraíba, 2015

Figura 19 – moradores da Comunidade Quilombola do Matão - Paraíba



Fonte: fotografos de rua 1 de agosto de 2013 – Alisson. <https://imgur.com/a/alisson-R0Aup#0>

Figura 20 – Moradores pegando água para consumo.



Fonte: Fotógrafos de rua 1 de agosto de 2013 – Claudia <https://imgur.com/a/claudia-rbxnc#0>

Figura 21 - Meio de transporte



Fonte: Fotógrafos de rua 1 de agosto de 2013 – Jaqueline. <https://imgur.com/a/jaqueline-c5y1v#0>

Figura 22 – Barreiro onde buscam água.



Fonte: Fotógrafos de rua 1 de agosto de 2013 – Leonaldo. <https://imgur.com/a/jaqueline-c5y1v#0>

Figura 23 - 03 de dezembro: (tarde) Quilombo Matão - festa dos jovens com exibição do grupo de percussão e dança afro "oloduMatão"



Fonte: Quilombos da Paraíba: Novembro quilombola

A identidade dos membros da comunidade em termos de sua unidade étnica rural baseia-se em sua origem a partir de um ancestral negro livre que, há cerca de seis gerações, se estabeleceu na localidade. Essa percepção foi a pedra-de-toque para alavancar um processo de autoconhecimento e encaminhá-lo à Fundação Cultural Palmares (FCP), a qual emitiu a certificação da comunidade quilombola em 17 de novembro de 2004. Em tal processo, além disso, a criação da Associação da Comunidade Negra do Matão foi fundamental para a consolidação da noção política de comunidade, hoje introjetada por muitos dos seus membros.

Sua origem começou com a história da chegada de um homem negro e livre, chamado Manoel Rufino dos Santos a este lugar que era uma mata virgem, e por isso a denominação Matão, por volta de fins do século XIX. Manoel Rufino é reconhecido por todos como o fundador do grupo e, apesar das discrepâncias encontradas nas narrativas, sua presença figura como elemento primeiro. Manoel Rufino chega a esta terra acompanhado por um irmão, Antônio Grande, e uma irmã, Edwiges. Seu irmão casou-se e foi morar em outras terras e sua irmã morreu sem casar ou deixar filhos. (RODRIGO GRUNEWALD, 2009, p. 78). Esse homem se constitui nos discursos enquanto uma figura quase mítica, dono de grande extensão de terra, de gado, homem rico e figura de autoridade sobre seus parentes. Sobre ele contou Pedro em uma de muitas conversas em sua casa.

A imagem de Manoel Rufino como fundador é sustentada não apenas pela sua riqueza de homem possuidor de gado, mas também sua imagem de homem trabalhador e sua autoridade diante dos outros habitantes de Matão, todos seus filhos e sobrinhos. Matão ou, como era conhecido, Pirauzinho dos Negros, é reconhecido pelos seus vizinhos como uma localidade de negros. No decorrer da pesquisa nas viagens aos municípios de Mogeiro, Gurinhém, Juarez Távora, em conversas informais nesses lugares tivemos a oportunidade de perceber como estes são vistos pelos seus vizinhos. O trecho a seguir foi retirado de um texto divulgado pela

Prefeitura Municipal de Mogeiro, conseguido na biblioteca municipal da cidade e era utilizado nas escolas para ensinar sobre a história do município.

Reduto de negros fugidos das fazendas em virtude dos maus tratos de que eram vítimas, em busca de refúgio, procuravam aquela região, onde estes ficavam temíveis e valentes. Fazendas primitivas da região Ingá-Mogeiro eram os Melo Azedo, tronco das atuais famílias Cabral de Melo e Cabral de Vasconcelos, eles chegaram a possuir mais de 200 negros. Em uma terra, situada nas fraldas da Serra do Matão, no município de Mogeiro, habitam aproximadamente 100 famílias, de negros, precedentes da Fazenda dos João Ludovico de Melo Azedo, denominados Fazenda do Mata Negro.

Além do preconceito, a pobreza e a falta de informação eram consideradas os maiores problemas enfrentados pelos que moram nesse local. Poucas casas, todas de taipa, sem açudes, muito mato ao redor e sem energia elétrica, esse era o Matão da infância dos mais velhos.

Instados a contar sobre suas vidas alguns elementos marcam as narrativas destes: a pobreza, o trabalho e o medo. Estes elementos aparecem nas construções narrativas sobre o passado, em alguns momentos há contradições e confusões de datas e épocas, contudo, a partir destes pontos continuaremos a construção da história de Matão e a permanência destas pessoas neste lugar. O cenário de pobreza é marcante na memória de Matão. Pobreza representada por moradias ruins, a incapacidade de comprar bens de consumo e, principalmente, a dificuldade do chefe da família de gerir e manter sua casa e seus filhos dignamente. Nas narrativas a pobreza aparece, geralmente, conectada à falta de alimentos e à falta de roupas. As roupas são elementos muito importantes, demonstram melhoria nas condições de vida e são muito valorizadas no cotidiano.

Matão conta, atualmente, com cerca de cento e cinquenta pessoas que moram em trinta e três unidades familiares e ocupam uma área rural de 24.5097 ha³. A maioria dos seus habitantes trabalha ou já trabalhou na agricultura (especialmente feijão, milho e fava plantados em áreas arrendadas em propriedades nas imediações da comunidade), que é a principal atividade de sustento de algumas famílias praticada como complemento de renda ou como atividade secundária sem visar a lucros.

A comunidade rural de Matão se reconhece como uma comunidade de negros, isto é, como um quilombo. Tal reconhecimento é construído historicamente, através das relações sociais que separam os membros da comunidade de todos os outros sujeitos.

Com os dados atualizados, Matão conta com 34 famílias e agregados, distribuídas em 41 moradias dessas, sendo em construção ou em fase de acabamento.

Na comunidade, a forma de subsistência presente é a agricultura familiar e também a construção civil, pois uma boa parte dos homens trabalham fora na construção civil, mas os que

ficam trabalham na comunidade mesmo na agricultura e plantam os produtos: feijão, milho e fava. Há também algumas poucas pessoas que desenvolvem outras atividades como: artesanato, na culinária bolos entre outros produtos como fonte de renda

A comunidade Quilombola do Matão foi contemplada com alguns projetos, onde alguns já aconteceram e outros estão em pleno andamento, podemos destacar, o projeto de fotografia, o projeto de dança OloduMatão, e o Escrilando.

Esses projetos beneficiam os jovens da comunidade levando cultura, lazer e educação para a comunidade, cada jovem envolvido no projeto tem um compromisso muito grande.

A religião na comunidade, é um pouco dividida e não originária de matriz africana, pois temos duas ramificações do cristianismo: o católico e o protestantismo (evangélica).

A maioria das famílias da comunidade são de religião católica, que ao longo do tempo foi passada de pai para filhos e ainda hoje está presente no meio das famílias. As celebrações acontecem na Sede da associação da comunidade, missas, terços, celebrações alusivas a o mês de maio, casamentos, entre outras celebrações católicas.

A religião Evangélica ocupa uma quantidade pequena de famílias, teve início na comunidade no ano de 2001 aproximadamente, tendo como denominação a Igreja Evangélica Assembleia de Deus Missão, que hoje conta com um templo construído na própria comunidade, onde são realizados os cultos e outros eventos referentes a religiosidade evangélica.

O Quilombo tem uma Escola Municipal de Ensino Fundamental José Rufino dos Santos, que atende a comunidade oferecendo o ensino fundamental I, tendo um anexo da escola em Manipeba, uma extensão da comunidade, onde de acordo com os moradores mais antigos da comunidade, Dona Clotilde e seu esposo o senhor Genival, o morador mais antigo da comunidade foi o senhor Manoel pereira de carvalho pai do senhor Genival, segundo o mesmo eles viviam da produção agrícola local e que o nome da comunidade surgiu a partir de uma plantação de roça na vargem próxima, nesse plantio havia um pé de mandioca grande que eles chamavam de maniva nesse pé de maniva havia um buraco na raiz que morava um tatu, também chamado de peba, a partir dessa história a localidade passou a se chamar de manipeba, pois houve a junção de maniva + peba que deu origem ao nome, a maioria da população local sobrevive através do trabalho na construção civil em outras cidades, sobretudo na capital e outros trabalham nas fazendas próximas. A comunidade também possui pontos turísticos, como a cachoeira e o cristo no alto da pedra que atrai muitos visitantes.

4.4 CONTRIBUIÇÕES DO(A) ARQUIVISTA PARA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DO QUILOMBOLA MATÃO PARAÍBA

A atuação da pessoa arquivista vem ganhando destaque nos tempos atuais, ampliando seu campo de atuação. As pessoas profissionais que historicamente eram responsáveis por manter a organização das documentações históricas e deixar acessível, facilitando ao pesquisador que busca informação.

A profissão vem vivenciando novas formas de atuação, mudando o conceito de que o arquivista era apenas um responsável por papéis velhos, ganhou destaque atualmente junto às administrações tornando-se um elemento essencial para um bom funcionamento de qualquer instituição.

Juntamente com a arquivística contemporânea surge novas mudanças:

Tratou-se de observar como a noção/conceito de memória tende a ser teoricamente referida, quando do processo de avaliação e seleção de documentos arquivísticos, como um dos pilares da arquivologia contemporânea. A este processo e seus determinantes teóricos encontra-se vinculada, por princípio, a constituição dos acervos permanentes/históricos dos arquivos públicos. Estes escolhem, mediante tais diretrizes, documentos considerados socialmente relevantes a ponto de se justificar a sua preservação permanente. (JOSÉ JARDIM, 1995, p.1)

A Pessoa Arquivista já tinha a função de preservar a memória, porém ampliou sua área com a ramificação e a necessidade de garantir a preservação dos documentos contribuindo para o resgate do passado que está representado nos documentos que são organismos.

Grandes teóricos discutem sobre a função de preservar a memória em um arquivo, pois consideram como uma função chave, uma fonte de informação inesgotável, tão necessária que está nos princípios da arquivística, a teoria das três idades, representada nas fases da vida, a corrente, a intermediárias e a permanente. Representa a linha vital de um documento que precisa percorrer até seu destino final. Portanto, segundo Bellotto (2004, p. 113) “essa transferência implica a passagem de um filtro de qualidade racionalizador e densamente redutor. É, pois, oportuno analisar os valores nos quais se devem fundamentar os critérios orientadores que vão dar forma a essa operação.”.

Os valores que estão em uma série documental correspondem aos critérios necessários para o descarte ou preservação dos documentos de acordo com as funções que deve cumprir cada documento, sendo necessária a avaliação antes da destinação final.

Ainda nas palavras de Heloísa Bellotto (op. Cit. p. 114) esta avaliação:

Trata-se de expor um leque de valores aplicáveis aos documentos de terceira idade para uso em situações ad hoc, das quais os arquivistas vão se valer, juntamente com a legislação e outros elementos que lhe esclareça o contexto de produção daqueles documentos.

Os valores referentes aos arquivos têm duas categorias importantes o Valor Primário e Valor Secundário estes valores são postos pela teoria das três idades. O valor primário corresponde ao documento tem a função o qual foi criado. Nas palavras de Jean Rousseau e Carol Couture (1998, p. 117) “define-se como sendo a qualidade de um documento baseado nas utilizações imediatas e administrativas que lhe deram seus criadores, por outras palavras, nas razões pelas quais os documentos foram criados.”.

Já o valor secundário dos documentos, é o momento após a realização das atividades do documento ao qual foi criado. “O valor secundário define-se como sendo a qualidade do documento baseada nas utilizações não imediatas ou científicas. Esta qualidade radica essencialmente no testemunho privilegiado e objetivo que o documento fornece.” Jean Rousseau e Carol Couture (1998, p. 117). O documento torna-se um registro da memória da instituição.

A pessoa profissional de arquivos tem seu valor enquanto preservador e resgatador da memória no referente a preservar a informação. A memória na arquivologia são os registros documentais que trazem os traços culturais essenciais para construção histórica de uma sociedade. Silva, Pinheiro e Fragoso (2020, p. 103) afirmam que:

[...] a arquivologia pós-moderna corporificou-se em uma visão macro, ou seja, a função transcende a conservação, seleção e acessibilidade do patrimônio documental. Engloba um contexto mais amplo relacionado ao patrimônio, identidade, verdade e poder, através de análises atreladas ao dever de memória contra o espectro do esquecimento.

A memória e história possuem elementos comuns, tendo o passado como objeto central. De acordo com Luíz Eduardo Silva, Mariza Pinheiro e Ilza Fragoso (2020, p. 104), “a memória procura preservar o passado para garantir o presente e o futuro, e desse aspecto da memória que a história se alimenta e cresce”.

Os arquivos registram e arquivam informações do passado, gerando memórias e preservando a história de um povo, a arquivologia tem um papel fundamental para construção da memória social e cultural.

Luíz Eduardo Silva, Mariza Pinheiro e Ilza Fragoso (2020, p. 107) acrescentam:

Os arquivos são fontes potenciais para o contexto da consciência social dos sujeitos nas suas relações interpessoais, falar do arquivo, não enquanto lugar, apenas de uma “memória coletiva” é um passo importante da aplicabilidade

desse termo na Arquivologia. Desse modo, o arquivo é um lugar risco para “recuperar” a memória que estão presentes nos registros documentais, uma vez que esses não têm diante de si (o sentido da historiografia ou da consciência histórica), ao contrário, o arquivo é o lugar, a condição de um campo de emergência social e que é fundamental para garantias fundamentais, como o direito de lembrar, provar e conhecer a produção de um contexto social.

Diante deste contexto de memória coletiva o arquivista tem um papel crucial na preservação da memória do quilombo em específico, atuando na organização, conservação e disseminação dos registros documentais que fundamentam a identidade e a história da comunidade.

Quadro 3 - Contribuições do arquivista

Eixo de Atuação	O que será feito	Como será realizado na comunidade	Resultados esperados
Identificação e Organização de Acervos	Levantamento e organização dos documentos existentes	Mapeamento dos documentos com os moradores; classificação de fotografias, registros civis, documentos de terra e materiais históricos	Acervo organizado, facilitando o acesso e a preservação da história local
Preservação Física e Digital	Conservação dos documentos e digitalização	Orientação sobre armazenamento adequado; digitalização por meio de scanners ou dispositivos móveis; criação de arquivos digitais	Redução da deterioração e perda documental; ampliação do acesso às informações
Resgate da Memória Oral	Registro das narrativas dos moradores	Realização de entrevistas com idosos e lideranças; gravação em áudio e vídeo; transcrição dos relatos	Valorização dos saberes tradicionais e constituição de fontes de pesquisa
Fortalecimento da Identidade Cultural	Valorização da história e cultura local	Divulgação do acervo em escolas e eventos comunitários; produção de materiais educativos	Reforço da identidade quilombola e combate ao preconceito
Acesso à Informação e Empoderamento	Democratização do acesso aos documentos	Criação de arquivo comunitário acessível; capacitação básica para uso e consulta dos materiais	Comunidade mais informada e fortalecida na luta por direitos
Criação de Políticas de Preservação	Incentivo à proteção institucional da memória	Articulação com órgãos públicos e universidades; elaboração de propostas de políticas de preservação	Reconhecimento institucional da memória afro-brasileira local
Memória Coletiva e Patrimônio Cultural	Consolidação da memória da comunidade	Organização contínua do acervo e atualização das informações	Preservação da história para as futuras gerações

Fonte: Elaboração própria autora (2026).

As contribuições específicas incluem: Identificação e Organização de Acervos: O arquivista auxilia a comunidade a identificar e organizar seus documentos, que podem incluir registros civis, fotografias, documentos de propriedade da terra, e outros materiais que servem como fontes primárias de sua história e resistência.

Preservação Física e Digital: Aplica técnicas de conservação para garantir que os documentos físicos não se deteriorem, e orienta sobre a digitalização de acervos para assegurar

o acesso a longo prazo e evitar a perda de informações.

Resgate da Memória Oral: Além dos documentos escritos, o arquivista valoriza e ajuda a registrar a memória oral dos idosos e membros da comunidade, que detêm saberes e experiências vitais para a história local. Essas narrativas são transformadas em fontes de pesquisa e recursos didáticos.

Fortalecimento da Identidade Cultural: Ao organizar e tornar acessível a própria história da comunidade, o trabalho do arquivista contribui diretamente para o fortalecimento da identidade étnica e cultural dos quilombolas do Matão, combatendo o preconceito e valorizando a diversidade.

Acesso à Informação e Empoderamento: O profissional da informação, como o arquivista, desempenha um papel na disponibilização do conhecimento e na produção e disseminação da informação, o que pode empoderar a comunidade em suas lutas por direitos, como a titulação de terras.

Criação de Políticas de Preservação: O arquivista pode advogar pela implementação de políticas de preservação documental em âmbito local e estadual, garantindo que a história afro-brasileira seja reconhecida e protegida institucionalmente.

A ligação entre arquivos e a lembrança coletiva é inegável, afinal, arquivos guardam a história de uma sociedade. Através de registros documentais, as futuras gerações podem descobrir seu patrimônio cultural, eventos marcantes, tradições, valores e diversos outros aspectos preservados nos documentos que formam a memória arquivística.

5 “NEGRO É A RAIZ DA LIBERDADE”: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

“Negro é uma cor de respeito
Negro é inspiração
Negro é silêncio, é luto
negro é a solidão”

Dona Ivone Lara e Jorge Ben Jor (Sorriso Negro)

A presente seção apresenta a análise dos dados coletados por meio do questionário intitulado “Memória e Preservação da Memória na Comunidade Quilombola do Matão-Mogéiro/PB”.

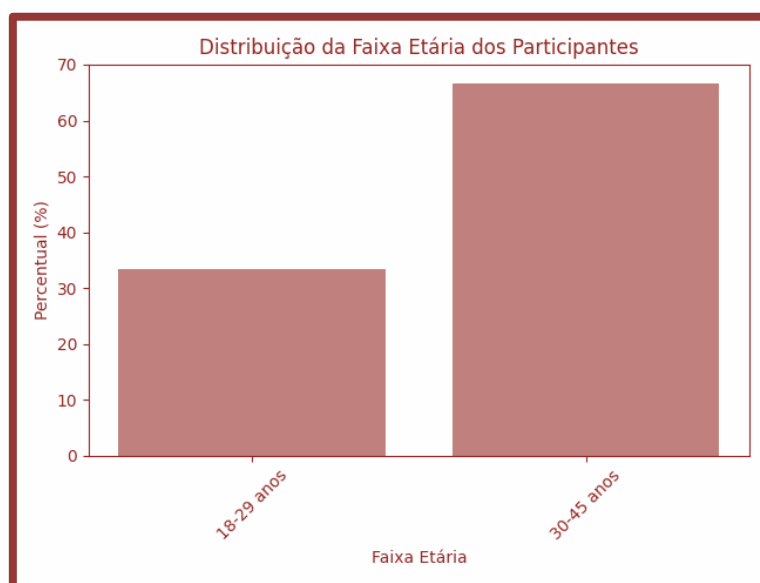
A análise foi realizada com base em abordagem qualitativa, com apoio de dados quantitativos, utilizando-se a técnica de Análise de Conteúdo proposta por Laurence Bardin (2016), articulada ao referencial teórico sobre memória coletiva, identidade e arquivo comunitário.

A pesquisa foi realizada com a aplicação de questionários, com representantes da comunidade, na busca de informações necessárias para alcançar nossos objetivos.

Perfil das Pessoas Participantes

Participaram da pesquisa 6 pessoas vinculadas à Comunidade Quilombola do Matão/PB. Em relação à faixa etária, observou-se predominância de participantes entre 30 e 45 anos (66,7%), seguidos de participantes entre 18 a 29 anos (33,33%).

Quanto ao vínculo com a comunidade, a maioria declarou-se morador(a) (100%), seguida de participantes de atividades culturais (16,66%) e lideranças comunitárias (66,7%).



Fonte: Elaboração própria autora (2026).

Esses dados revelam que a pesquisa alcançou sujeitos diretamente inseridos na dinâmica social e cultural da comunidade, o que fortalece a legitimidade das percepções sobre memória e preservação.

Memória Individual e Familiar

No que se refere às memórias familiares consideradas mais importantes para a história da comunidade, as respostas abertas indicaram recorrência das seguintes categorias:

- Histórias de antepassados e formação do território
- Narrativas sobre resistência e luta pela terra
- Práticas culturais e religiosas

A frequência com que os participantes conversam com familiares mais velhos sobre fatos do passado demonstrou que 100% afirmaram fazê-lo frequentemente ou às vezes. Esse dado

evidencia a centralidade da oralidade como mecanismo de transmissão intergeracional.

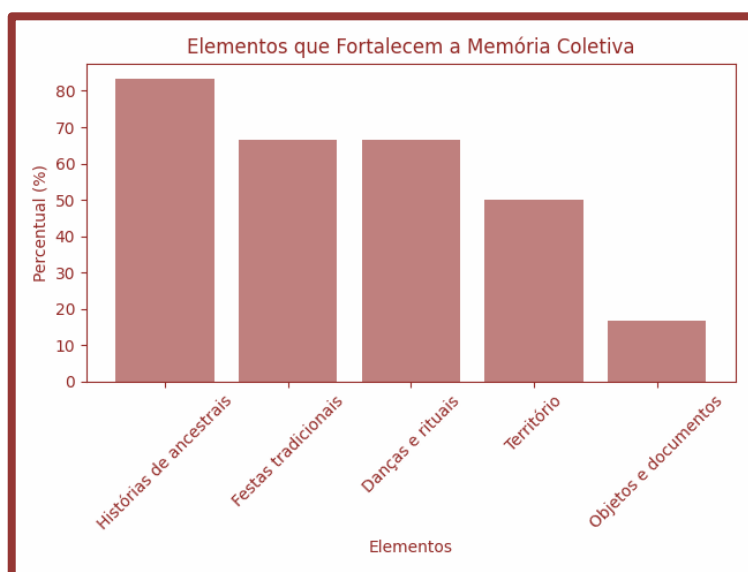
Conforme Maurice Halbwachs (1990), a memória individual é construída a partir dos quadros sociais da memória, ou seja, o sujeito recorda a partir do grupo ao qual pertence. Nesse sentido, as narrativas familiares funcionam como dispositivos de manutenção da identidade coletiva.

Além disso, 100% dos participantes consideram que as histórias orais são importantes para manter a memória viva. Tal percepção reforça a compreensão da oralidade como patrimônio imaterial fundamental nas comunidades tradicionais.

Memória Coletiva e Identidade Quilombola

Ao serem questionados sobre os elementos que fortalecem a memória coletiva, os mais assinalados foram:

- Histórias de ancestrais (83,33%)
- Festas tradicionais (66,66%)
- Danças, músicas e rituais culturais (66,66%)
- Território e espaços de convivência (50%)
- Objetos e documentos antigos (16,66%)



Fonte: Elaboração própria autora (2026).

Os dados evidenciam que a memória coletiva está fortemente associada às práticas culturais e ao território. Para Pierre Nora (1993), os “lugares de memória” constituem espaços simbólicos onde a identidade se ancora. No contexto quilombola, o território assume essa dimensão simbólica e histórica.

Quanto à contribuição da memória coletiva para o fortalecimento da identidade quilombola,

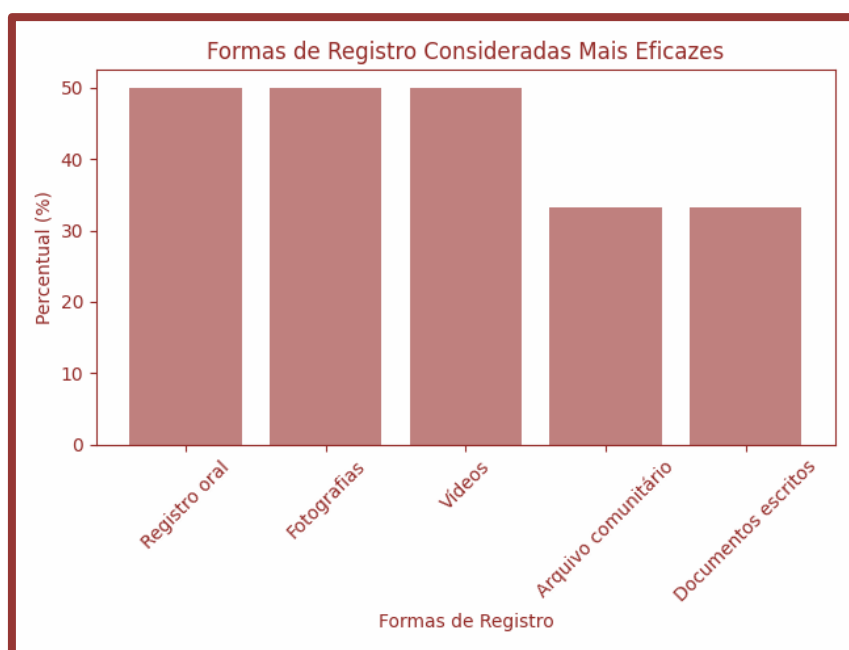
100% afirmaram que ela contribui significativamente. As justificativas apontaram que “a memória mantém viva a história da resistência” e “fortalece o sentimento de pertencimento”. Michael Pollak (1992) afirma que memória e identidade são indissociáveis, pois a memória atua como elemento estruturante da coesão social. Os dados coletados confirmam essa perspectiva teórica.

Preservação da Memória e Documentação

No que concerne às práticas de preservação da memória, 33,33% reconhecem a existência de ações importantes na comunidade, enquanto 66,66% afirmaram desconhecer iniciativas estruturadas.

Entre as formas de registro consideradas mais eficazes, destacaram-se:

- Registro oral (50%)
- Fotografias (50%)
- Arquivo comunitário (33,33%)
- Vídeos e gravações (50%)
- Documentos escritos (33,33)



Fonte: Elaboração própria autora (2026).

Observa-se que, embora a oralidade permaneça central, há reconhecimento da importância dos registros documentais. Esse dado dialoga com a Arquivologia contemporânea, que compreende o arquivo comunitário como instrumento de preservação da memória social e fortalecimento identitário.

Quanto ao conhecimento sobre o arquivo comunitário, 50% afirmaram conhecê-lo,

enquanto 50% apenas ouviram falar ou não o conhecem. Tal resultado indica a necessidade de maior visibilidade e integração do arquivo às práticas comunitárias.

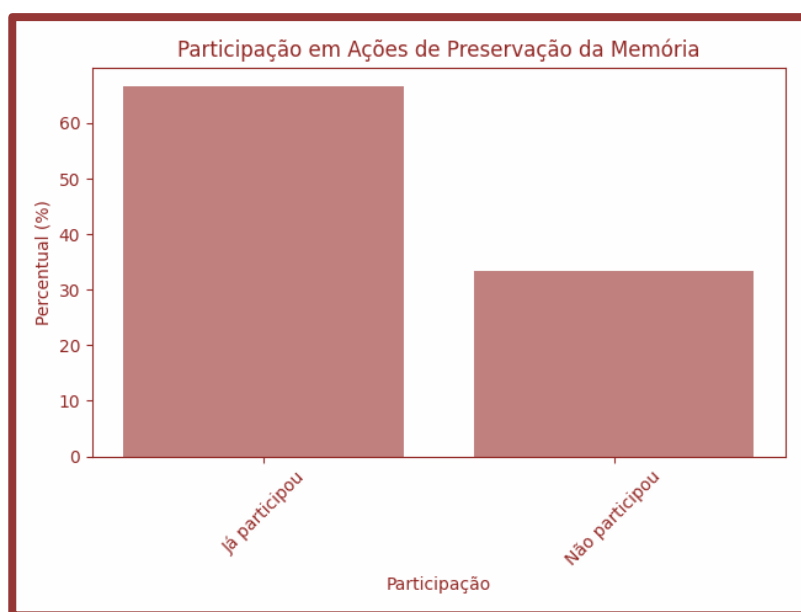
Ao discorrerem sobre a importância do arquivo comunitário, os participantes destacaram:

- Preservação da história local
- Organização de documentos e fotografias
- Valorização da cultura quilombola
- Educação das novas gerações
- A importância dos documentos e registros
- Preservação da memória

Essas percepções reforçam a função social do arquivo como espaço de memória, conforme defendem autores da Arquivologia social.

Participação Comunitária na Preservação

No que se refere à participação em ações de preservação, 66,66% afirmaram já ter participado de atividades como eventos culturais, registros de memória oral ou organização de documentos.



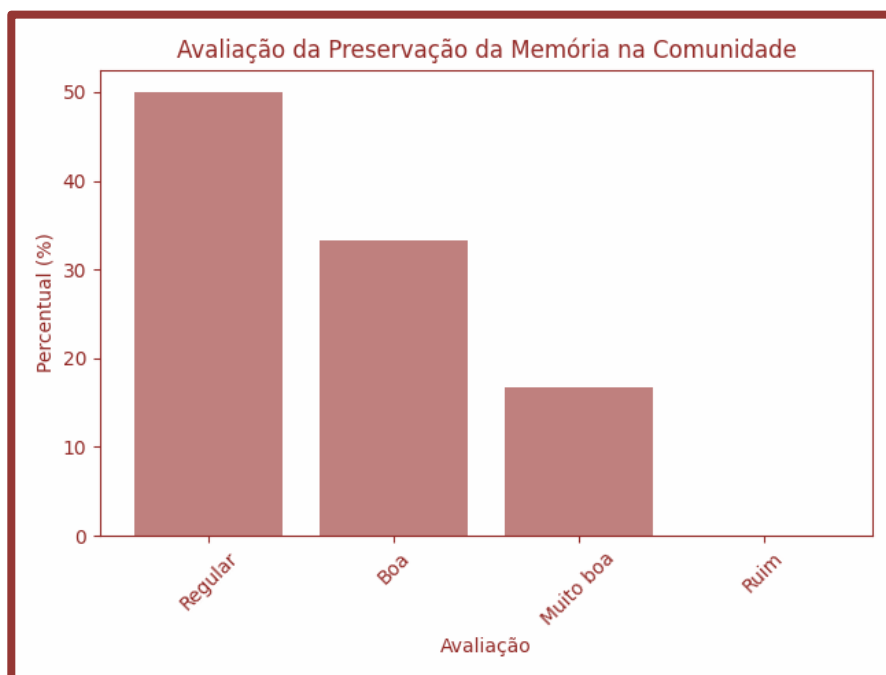
Fonte: Elaboração própria autora (2026).

Além disso, 100% demonstraram disposição para contribuir com futuras ações, justificando que a preservação é “responsabilidade coletiva” e “forma de manter viva a identidade”.

Esse resultado demonstra potencial de mobilização comunitária, elemento fundamental para a consolidação de um arquivo comunitário participativo.

Avaliação Geral e Perspectivas de Melhoria

A avaliação geral da preservação da memória foi classificada majoritariamente como regular (50%).



Fonte: Elaboração própria autora (2026).

Entre as sugestões para melhoria, emergiram as seguintes categorias:

- Criação ou fortalecimento do arquivo comunitário
- Projetos educativos nas escolas
- Incentivo à participação dos jovens
- Apoio do poder público
- Digitalização de documentos

Essas propostas evidenciam consciência coletiva sobre a necessidade de institucionalização de práticas de preservação, sem desconsiderar a tradição oral.

De modo geral, os resultados demonstram que a memória na Comunidade Quilombola do Matão/PB é predominantemente transmitida pela oralidade, estando profundamente associada às práticas culturais e ao território.

Entretanto, observa-se crescente reconhecimento da importância do arquivo comunitário como instrumento complementar de preservação. A articulação entre memória oral e registro documental revela-se estratégica para o fortalecimento da identidade quilombola e para a consolidação de políticas de preservação da memória social.

6 “VALEU ZUMBI”: DISPUTAS ENTRE MEMÓRIAS

“E do meu canto
 Nasce, cresce, vence minha esperança
 Deixa eu cantar
 Quando eu canto sou mais negro, sou mais forte
 Tenho a vida e tenho a morte”
 Taiguara –(Negroide)

Este trabalho buscou entender por que a as práticas de preservação da memória no arquivo comunitário da Comunidade Quilombola do Matão – Mogeiro/PB, é tão importante para guardar a história e a cultura do Quilombo do Matão – Mogeiro/PB. Buscamos saber como o arquivo da comunidade ajuda a preservar a memória e evitar o apagamento da mesma, na busca de valorizar, organizar e proteger os documentos deles. Juntamos o que a gente sabe sobre arquivos, o que as pessoas pensam sobre memória e o que acontece de verdade na comunidade. Vimos que, quando a gente faz a preservação dos documentos com atenção, resgatando sua cultura, isso ajuda muito a fortalecer a identidade e a memória do quilombo.

A pesquisa mostrou que o arquivo da comunidade é mais que um lugar para guardar papel. É um lugar de memória, de luta e onde eles mostram quem são. No Quilombo do Matão, os papéis, as fotos e, principalmente, as histórias contadas ajudam a guardar a história do lugar. Eles contam como foi a luta deles, como se sentem parte dali e de onde vieram. Coisas que a história oficial nem sempre mostra.

Percebemos que usar as regras dos arquivos, como guardar os documentos de acordo com a origem e a ordem deles e usar ferramentas como listas de assuntos e prazos pode ajudar a organizar, guardar e encontrar os documentos da comunidade. Mas é importante fazer isso junto com eles, respeitando o que eles já sabem, como a comunidade funciona e o que os documentos significam para eles. Principalmente as histórias e as tradições que passam de pai para filho.

Vimos também que os arquivos dos quilombos são importantes para mostrar quem eles são e para lutar por seus direitos, principalmente para terem suas terras reconhecidas e para valorizarem a cultura afro-brasileira. Então, cuidar dos documentos não é só uma questão técnica, mas também uma forma de lutar por seus direitos e de mostrar a importância da história e da cultura deles. Isso ajuda a quebrar o silêncio sobre a história do povo negro no Brasil.

Este estudo ajuda a conhecer mais sobre os arquivos das comunidades quilombolas,

que quase ninguém fala. Juntando o que a gente aprende na teoria com o que acontece na prática, a pesquisa mostra que os arquivistas precisam se preocupar mais com a diversidade cultural, com a justiça e com o respeito aos grupos que sempre foram deixados de lado.

Nossa sugestão é que outras pessoas pesquisem mais sobre como criar projetos do governo para ajudar os arquivos das comunidades quilombolas. Também é importante treinar as pessoas para cuidarem dos documentos e criar parcerias entre as instituições para fortalecer a memória dessas comunidades. Assim, esperamos que esta pesquisa ajude a mostrar que o arquivo da comunidade é um lugar importante para criar, guardar e espalhar a história do quilombo, mostrando como ele é fundamental para a identidade e para a história do Brasil.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Maíra Fernandes; CERVANTES, Brígida Maria Nogueira; BARITÉ, Mário O **Contexto de uso do termo Arquivos Comunitários a partir da vertente dos estudos críticos e decoloniais uma análise terminológica pontual**. Páginas a&b: arquivos e bibliotecas. [Em linha]. 3ª série, 19(2023)55. [Consult. 10 out. 2025]. Disponível em: <https://www.youtube.com/shorts/Zbr5ltr4RnM>.

ALMEIDA, A. W. B. D. **Os quilombos e as novas etnias**. In: O'DWYER, E. C. Quilombos: identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 43-82.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Resoluções do Conarq**. Disponível em: www.arquivonacional.gov.br/conarq. Acesso em: 04 mar. 2026.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em : https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso dia 20 de fev. de 2026.

BRASIL. **Decreto nº 4.887**, de 20 de novembro de 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm. Acesso em 15 de fev. de 2026.

BRASIL. Leis, decretos, etc.2025 **Decreto nº 12.599, de 28 de agosto de 2025**. Altera o Decreto nº 4.073, de 3 de janeiro de 2002, que regulamenta a Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991, que dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados. [Em linha]. Brasília: Presidência da República, 2025. [Consult. 6 out. 2025]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2025/Decreto/D12599.htm#art1

BRASIL. **Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991**. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [1991]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/8159.htm. Acesso em 10 de jan. de 2026.

BRASIL. Decreto - **Lei nº 2.848, de 07 de dezembro de 1940**. Código Penal, artigo 312 a 327. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm. Acesso em 28 de jan. de 2026.

BARROS, M. O., and BUENO, J. B. G. **Memórias dos Idosos Quilombolas do Matão/PB: Narrativas para o desenvolvimento de práticas de ensino**. In: ARANHA, S. D. G., and SOUZA, F. M., eds. Práticas de ensino e tecnologias digitais [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2018, pp. 469-498. Ensino e aprendizagem collection, vol. 3. ISBN: 978-85-78795-26-9.

BELLOTTTO, H.L. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BEN JOR, Jorge. Zumbi. *In: A Tábua de Esmeralda*. Rio de Janeiro: Philips, 1974. Faixa 6.

BOSI, Alfredo (org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembrança de Velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CAMARGO, Ana M. de Almeida ; BELLOTTO, Heloísa L. (Coord.). **Dicionário de terminologia arquivística**. São Paulo : Associação dos Arquivistas Brasileiros, 1996.

COOK, Terry. **Arquivos, documentos e poder**: a construção da memória moderna. Arquivo & Administração, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, 2012. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/782248238/Arquivos-documentos-e-poder-schwartz-e-cook-2004>. Acesso 22 de jan. de 2026.

CUNHA, Felipe Gibson; ALBANO, Sebastião Guilherme. Identidades quilombolas: políticas, dispositivos e etnogêneses. *Latinoamérica. Revista de estudios latinoamericanos*, México, n. 64, p. 153–184, jan./jun. 2017. DOI: 10.22201/cialc.24486914e.2017.64.56864. Acesso em: 20 de fev. de 2026.

DE DEUS, Anderson et al. **Quilombos, Quilombolas, Kizomba**. Composição: Paulo Cesar, Tubarão, Rodrigo Atração, Freddy Vianna, Wladimir Nascimento, Tuca Maia, Teco. [S. l.: s. n.], 2024. Disponível em: [inserir link do site onde você encontrou a letra]. Acesso em: 25 mar. 2026.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral**: memória, tempo identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DIEHL, Astor A. **Cultura Historiográfica** – Memória, identidade e representação, Bauru, Editora Universidade do Sagrado Coração, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GILBERTO GIL. **Quilombo, o Eldorado Negro**. Compositores: Gilberto Gil e Waly Salomão. Intérprete: Gilberto Gil. *In: Brazil Classics 1: Beleza Tropical*. Rio de Janeiro: Luaka Bop, 1989. 1 faixa fonográfica. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/gilberto-gil/556793/>. Acesso em: 25 mar. 2026.

GOMES, Rodrigo Portela. **Constitucionalismo e quilombos**. *Revista Culturas Jurídicas*, Niterói, v. 8, n. 20, p. 131–155, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/culturasjuridicas> /Acesso em: 19 de mar.2026

GRUNEWALD, Rodrigo de Azeredo. **Os Negros do Matão**: Etnicidade e Territorialização. Laudo Antropológico - INCRA - João Pessoa 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

JARDIM, José Maria1997. **Os Saberes informacionais do estado**: a Arquivologia. In ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA

DA INFORMAÇÃO, 3º, Rio de Janeiro, 1997-Anais[...]. Rio de Janeiro, ENANCIB, 1997. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/178234>. Acesso em 21 de fev. de 2026.

JARDIM, J.M. **A invenção da memória nos arquivos públicos**. Ciência da Informação, Brasília, v.25, n.12, p.1-13, 1995. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/18107>. Acesso dia 12 de dez. de 2025

LARA, Dona Ivone; BEN JOR, Jorge. **Sorriso Negro**. In: Sorriso Negro. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, 1981. 1 faixa fonográfica. (Álbum).

LE GOFF, J. Memória. In: LE GOFF, J. **História e memória**. 5 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. p. 419-476.

LENINE; TAVARES, Bráulio. Samba do Quilombo. In: **Lenine - O Dia em Que Faremos Contato**. Rio de Janeiro: BMG Brasil, 1997. 1 faixa sonora.

LOPES, Luís Carlos. **A nova arquivística na modernização administrativa**. Rio de Janeiro : [s. n.], 2000. 369 p.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. São Paulo: EPU, 2013.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de; CASTRO, Paula Almeida de (Org.). **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NASCIMENTO, Milton; CASALDÁLIGA, Pedro; TIERRA, Pedro. **Missa dos Quilombos**. Rio de Janeiro: Philips/Ariola, 1982. 1 disco sonoro (LP) ou 1 CD (reedição de 1995).

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7–28, 1993.

POLLAK, M. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3-15, 1989.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200–212, 1992.

ROUSSEAU, J.Y., COUTURE, C. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa: publicações Dom Quixote, 1998.

ROUSSEAU, Jean-Yves ; COUTURE, Carol. **Os fundamentos da disciplina**

arquivística. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1994.

SCHELLENBERG, T.R. **Arquivos modernos: princípios e técnicas.** 3ª ed. Rio de Janeiro: editora FGV, 2004.

SOUSA, Renato Tarcísio Barbosa. **Os princípios arquivísticos e o conceito de classificação.** In: RODRIGUES, Georgete M.; LOPES, Iza L. (Org.). *Organização e Representação do Conhecimento.* Brasília: Thesaurus, 2003. p.240-271.

SILVA, Jefferson Higino da. **Convite à (des) construção: arquivos comunitários e seus diálogos com dinâmicas documentais quilombolas.** 2025. 122 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/266053>. Acesso em 28 de dez. 2025.

SILVA, L. E. F. da; PINHEIRO, M. de O.; FRAGOSO, I. da S. **Dentro ou fora da memória? O arquivista da memória e a capacidade antidota do fazer lembrar.** RACIn, João Pessoa, v. 8, n. 1, p. 99-110, jan./jun. 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/141392>. Acesso em 20 de dez. de 2025.

XAVIER FILHO, José Luiz. **Quilombo Sambaquim: memórias, narrativas e identidade negra na contemporaneidade.** Formiga, MG: Editora Real Conhecer, 2021.

TAIGUARA. **Negróide.** Intérprete: Taiguara. Compositores: Arnaldo Costa, Taiguara, Mauricio Einhorn. In: **Negróide.** Rio de Janeiro: Odeon, 1974. 1 faixa. Letra disponível em: <https://www.letras.mus.br/taiguara/1214916/>. Acesso em: 25 mar. 2026.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral.** 3.ed. Rio de Janeiro - RJ: Paz e Terra, 2002.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado.** São Paulo: Paz e Terra, 1992.

ANEXOS



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA CULTURA
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES

Criada pela Lei n. 7.668 de 22 de agosto de 1988

Diretoria de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro

CERTIDÃO DE AUTO-RECONHECIMENTO

O Presidente da **Fundação Cultural Palmares**, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n.º 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da Constituição Federal de 1988, **CERTIFICA** que a **Comunidade de Matão**, localizada no município de Gurinhém, Estado da Paraíba, registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 002, Registro n.º 107, f.11, nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria Interna da FCP n.º 06, de 01 de março de 2004, publicada no Diário Oficial da União n.º 43, de 04 de março de 2004, Seção 1, f. 07, **É REMANESCENTE DAS COMUNIDADES DOS QUILOMBOS.**

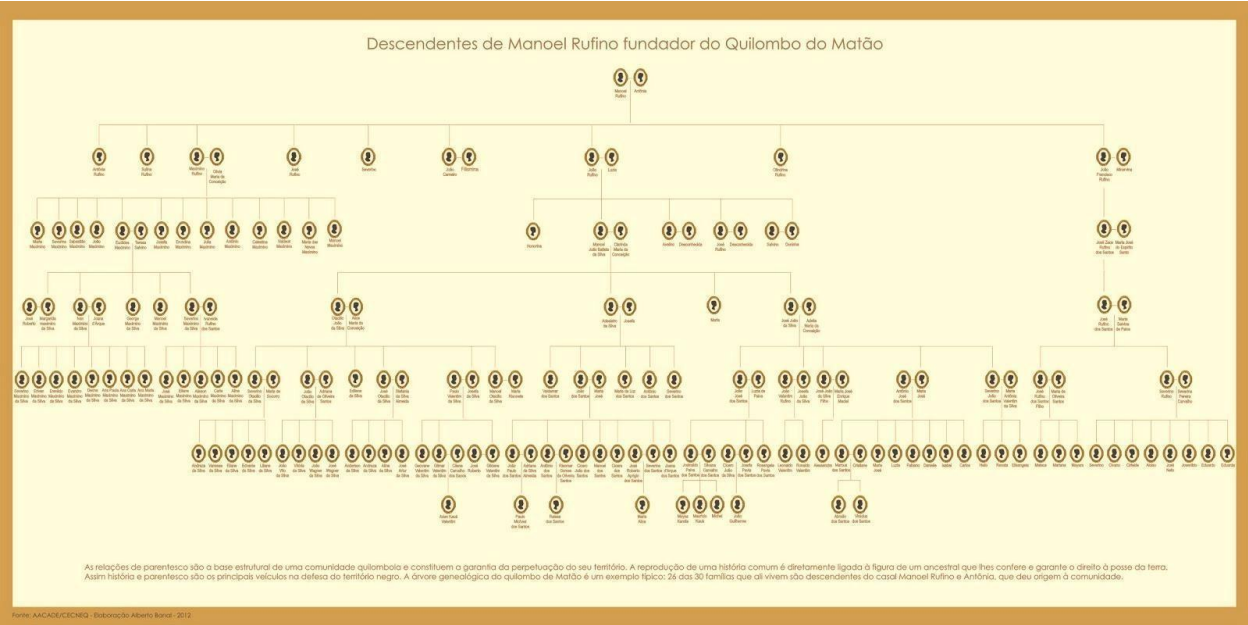
Declarante(s): Maria José dos Santos RG 1.778.850 SSP/PB
 Josefa de Paiva Santos RG 280.568.8 SSP/PB
 Gilmar Valetim da Silva RG 2.925.830 SSP/PB
 Otacílio João da Silva RG1.065.128 SSP/PB

Eu, **Maria Bernadete Lopes da Silva** (Ass.)....., Diretora da Diretoria de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro, a lavrei e a extraí. Brasília, DF, **17 de novembro** de 2004.

O referido é verdade e dou fé


UBIRATAN CASTRO DE ARAÚJO
Presidente da Fundação Cultural Palmares

Árvore geneológica do parentesco do Quilombo do Matão



APÊNDICES



QUESTIONÁRIO

Memória e Preservação da Memória na Comunidade Quilombola do Matão - Mongeiro / PB

I. Identificação

1. Qual a sua idade?
☐ 18–29 anos
☐ 30–45 anos
☐ 46–60 anos
☐ Acima de 60 anos
2. Qual o seu vínculo com a comunidade?
☐ Morador(a)
☐ Participante de atividades culturais
☐ Liderança comunitária
☐ Pesquisador(a) / Visitante
☐ Outro: _____

II. Memória Individual e Familiar

3. Quais memórias da sua família você considera mais importantes para a história da comunidade?

4. Com que frequência você conversa com familiares mais velhos sobre fatos do passado da comunidade?
☐ Frequentemente
☐ Às vezes
☐ Raramente
☐ Nunca

5. Você considera que as histórias contadas oralmente são importantes para manter a memória viva?
☐ Sim
☐ Parcialmente
☐ Não

Justifique:

III. Memória Coletiva e Identidade Quilombola

6. Na sua opinião, quais elementos mais fortalecem a memória coletiva do quilombo?

- ☐ Festas tradicionais
- ☐ Danças, músicas e rituais culturais
- ☐ Histórias de ancestrais
- ☐ Objetos e documentos antigos
- ☐ Práticas religiosas
- ☐ Território e espaços de convivência
- ☐ Outros:

7. Você acredita que a memória coletiva contribui para fortalecer a identidade quilombola da comunidade?

- ☐ Sim
- ☐ Parcialmente
- ☐ Não

Explique

8. O que você considera essencial para que a memória da comunidade seja transmitida às novas gerações?

IV. Preservação da Memória e Documentação

9. A comunidade possui práticas de preservação da memória que você reconhece como importantes?

☐ Sim

☐ Não

☐ Não sei

Se sim, quais?

10. Quais formas de registro você considera mais eficazes para preservar a história da comunidade?

☐ Registro oral

☐ Fotografias

☐ Documentos escritos

☐ Arquivo comunitário

☐ Vídeos / gravações

☐ Outros: _____

11. Você conhece o arquivo comunitário da comunidade?

☐ Sim

☐ Não

☐ Já ouvi falar, mas não conheço diretamente

12. Na sua opinião, qual é a importância do arquivo comunitário para a preservação da memória quilombola?

V. Participação da Comunidade na Preservação

13. Você já participou de alguma ação de preservação da memória?

☐ Sim

☐ Não

Se sim, descreva:

14. Você estaria disposto(a) a contribuir com atividades de preservação da memória?

- ☐ Sim
☐ Talvez
☐ Não

Por quê?

VI. Avaliação Geral

15. Como você avalia a situação atual da preservação da memória na comunidade?

- ☐ Muito boa
☐ Boa
☐ Regular
☐ Ruim

Justifique:

16. O que poderia ser feito para melhorar a preservação da memória e da história da comunidade quilombola?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada **“Memória e Preservação da Memória na Comunidade Quilombola do Matão-Mogeyro/PB”**, sob a responsabilidade do(a) pesquisador(a) **Joseane Bandeira de Souza**, orientado(a) por Prof. Dr. Valdir Efun Lourenço e Lima de Santa Rita., vinculado(a) ao curso de **Arquivologia da Universidade Federal da Paraíba**.

1. OBJETIVO DA PESQUISA: O objetivo deste estudo é analisar como a memória coletiva e a identidade quilombola são preservadas e transmitidas na comunidade do Matão, bem como discutir a importância de um arquivo comunitário como instrumento de salvaguarda dessa história.

2. PROCEDIMENTOS: Caso aceite participar, você responderá a um questionário ou entrevista sobre suas vivências, histórias de antepassados, práticas culturais e sua percepção sobre a preservação da memória local. O tempo estimado para a participação é de aproximadamente **60** minutos.

3. RISCOS E BENEFÍCIOS: A pesquisa apresenta riscos mínimos, podendo gerar apenas um leve cansaço ao responder às perguntas. Como benefício, sua participação contribuirá para o fortalecimento da identidade quilombola e para a legitimação das percepções da comunidade sobre seu território e história.

4. CONFIDENCIALIDADE E PRIVACIDADE: Garante-se que sua identidade será preservada e que os dados coletados serão utilizados estritamente para fins acadêmicos, seguindo a técnica de Análise de Conteúdo. Os resultados serão apresentados de forma agregada, sem expor o nome dos participantes, a menos que haja autorização expressa para o uso do nome em relatos orais.

5. VOLUNTARIEDADE: Sua participação é totalmente voluntária. Você tem a liberdade de desistir de participar a qualquer momento ou deixar de responder a qualquer pergunta, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo.

6. CONTATOS: Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você pode entrar em contato com a pesquisadora pelo telefone **83 996351551** ou pelo e-mail **Joseane-bs@hotmail.com**.

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar deste estudo. Declaro que fui informado(a) sobre os objetivos e procedimentos e recebi uma cópia deste termo.

() Autorizo o uso de gravador de voz/vídeo para registro das informações. () Autorizo a citação de trechos da minha fala na redação final do trabalho.

João Pessoa - PB, ____ de _____ de 2026.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador